

Amir Aparecido dos Santos Piedade

O Sagrado na Literatura Infantil brasileira  
de 1950 a 1985

Ciências da Religião

PUC/SP

2006

Amir Aparecido dos Santos Piedade

O Sagrado na Literatura Infantil brasileira  
de 1950 a 1985

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do  
título de MESTRE em Ciências da Religião,  
sob a orientação do Prof. Doutor José J. Queiroz.

Ciências da Religião

PUC/SP

2006

Banca Examinadora

---

---

---

Em memória de minha mãe, que me ensinou as primeiras orações e a ter confiança na ação da Providência Divina nos misteriosos caminhos humanos; e para meu pai que, na sua simplicidade e honradez, sempre deixou claro que o maior tesouro que os pais deixam para os filhos e que ninguém pode lhes tirar é o estudo.

## Agradecimentos

Quando terminamos uma etapa de nossa jornada acadêmica, não podemos esquecer daqueles que sempre estiveram presentes com palavras de estímulo e de carinho, suavizando a árdua caminhada. Neste caso especial, agradeço, comovido, a todos que de uma forma ou de outra estiveram presentes e utilizo as palavras do escritor Érico Veríssimo e deixo aqui, gravados, para sempre, o nome daqueles que foram de fundamental importância à conclusão deste trabalho:

. ao professor Ênio da Costa Brito que convidou-me a fazer o curso quando nos encontramos numa bienal do livro e foi sempre uma rocha de apoio e incentivo quando eu estava para fraquejar;

. ao professor Waldecy Tenório, meu primeiro orientador, que sempre compreendeu as dificuldades de quem estuda e trabalha e nunca faltou com seu apoio e entusiasmo;

. ao professor José J. Queiroz, que assumiu a fase final de minha orientação, não me deixando órfão de orientador e me cobrando e estimulando com suas sábias palavras e conselhos;

. à professora Maria Delta Martins, que esteve presente desde o início e nunca me faltou, especialmente na elaboração deste trabalho, contribuindo com orientações necessárias, indicando textos e propiciando uma discussão acadêmica que foi de fundamental importância para o trabalho e para a minha vida, sempre à luz da amizade;

. aos meus amigos queridos Renam, Cido, Tânia, Rualonga, Ilma, Maurício, Geraldo, Edvando, Alexandre, Liene, Teresinha, Jacira e Malu que estão presentes desde o início deste trabalho e incentivaram com palavras de ânimo e entusiasmo;

. às professoras Amarílis e Sandra, da Unisa e Telma, da Unimesp, pelo carinho e acolhida no exercício da minha docência.

. aos queridos José Xavier Cortez, da Cortez Editora e Elisabete Kawano, da Editora Elementar, que compreenderam a “loucura” que é trabalhar na área editorial e fazer uma pós-graduação ao mesmo tempo;

. ao Fábio, amigo querido, com quem tenho partilhado as boas coisas da vida;

. à professora Liana de Camargo Leão que acompanhou este trabalho e é uma apaixonada por Literatura Infantil;

. à Andréia, secretária do departamento, que esteve sempre presente orientando na parte administrativo-acadêmico e foi uma tábua de salvação em vários momentos;

. e aos maravilhosos professores Maria José Rosado Nunes (Zeca), Jung Mo Sung, José J. Queiroz, Frei Gorgulho, Fernando Londoño, Edênio Valle, Waldecy Tenório, que a maioria dos alunos do Brasil conhecem pelos brilhantes artigos e livros, tive o prazer de tê-los como mestres em sala de aula e, mesmo no intervalo, na hora do café, sempre tinham uma palavra de estímulo e amizade, fazendo da PUC um centro de excelência e paixão pelo conhecimento.

## RESUMO

Este trabalho analisa a Literatura Infantil brasileira no período de 1950 a 1985 e tem como objetivo principal identificar em quais autores, cujas obras estão publicadas até hoje, se encontram referenciais ao Sagrado, seja em poesia ou prosa. A metodologia utilizada foi a pesquisa em publicações de Literatura Infantil e a hermenêutica das obras dos autores selecionados. A hipótese é que as marcas do Sagrado deixadas pelos autores em nenhum momento devem ser vistas como evangelização e catequese, mas como encontro lúdico e amoroso com o Transcendente. E, também, podem servir de orientação para os novos autores e para o mercado editorial que não há problema algum em publicar textos que contenham representações, símbolos ou manifestações do Sagrado para crianças, pelo contrário, ajudam a vivenciarem a experiência com o Sagrado como parte integrante de sua formação e que pode acompanhá-las, sem nenhum problema, pela vida afora, contribuindo à formação individual e coletiva e a busca de compreensão para os grandes questionamentos existenciais da humanidade.

**Palavras-chaves:** Literatura Infantil - Sagrado - Poesia - Transcendente - Criança - Educação - Religiosidade

## ABSTRACT

This work analyses the Brazilian Children's Literature in between 1950 and 1985, and has as main objective to identify in which authors - whose works are still published - we can find references to the Sacred, whether in poetry or prose. The methodology used was a research in publications of Children's Literature and hermeneutics from the works of the selected authors. The hypothesis is that the Sacred's marks left by the authors never should be seen like evangelization and catechesis, but like a childish and loving engagement with the Transcendent. And also, it can be used as an orientation to the new authors and to the editorial business, that there is no problem in publishing texts that contains representations, symbols or Sacred manifestations to children, on the contrary, it helps them to see the experience with the Sacred as an integral part of their formation and it can follow them, with no problems, throughout life, contributing to the individual and collective formation, and the search for understanding of great questions of humanity.

Key-Words: Children's Literature - Sacred - Poetry - Transcendent - Child - Education - Religiosity



Nada é tão belo quanto uma criança que adormece  
fazendo a sua prece, diz Deus.  
Eu vos digo, nada é tão belo no mundo.  
Jamais vi nada tão belo no mundo.  
E no entanto vi muitas belezas no mundo, e disso eu  
entendo. Minha criação regurgita em belezas.  
Ora, pois eu digo, diz Deus, não conheço nada tão belo  
em todo o mundo quanto uma criança que adormece  
fazendo sua prece.  
E que mistura tudo isso e não entende mais nada...

*Charles Péguy (1873-1914)*

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – O itinerário da Literatura Infantil.....</b>	<b>7</b>
1. Breve histórico da Literatura Infantil.....	7
2. A Literatura Infantil no Brasil.....	10
3. Monteiro Lobato.....	18
4. Caminhando a passos lentos.....	24
<b>Capítulo II – Do Sagrado à Literatura Infantil: construindo pontes.....</b>	<b>28</b>
1. O Sagrado.....	28
2. O Sagrado na Literatura Infantil.....	34
3. A importância do Sagrado para a criança.....	35
<b>Capítulo III – A poesia brasileira olhando o Sagrado.....</b>	<b>39</b>
1. O olhar para o horizonte. O Sagrado encontra o profano em Cecília Meireles.....	39
2. Uma arca de bênçãos: Vinícius de Moraes.....	43
3. Berimbau no céu: Manuel Bandeira.....	50
4. Pé de pilão santificado: Mário Quintana.....	55
<b>Capítulo IV - Um outro olhar sobre o Sagrado.....</b>	<b>61</b>
1. O deboche dos mediadores do Sagrado em Jorge Amado.....	61
2. A brincadeira e o medo do Sagrado em Ruth Rocha.....	64
<b>Conclusão:.....</b>	<b>68</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>71</b>

## Introdução

A Literatura Infantil sempre fez parte de minha vida. Primeiro como estudante do antigo primeiro grau, ficava encantado com os pouquíssimos livros infantis coloridos que existiam na época (década de 1970), depois como funcionário público do Governo do Paraná, atuava no âmbito da Secretaria da Educação, trabalhando na organização de bibliotecas escolares, implantando projetos de leitura e tentando despertar na criançada o gosto pela literatura, já na metade dos anos 80. Durante este período de servidor público tive duas gratas surpresas que me motivaram ainda mais a trilhar este caminho: a participação em 1989 no Congresso Brasileiro de Literatura Infantil promovido pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, onde representei o Estado no projeto *Meu livro, meu companheiro*, expondo o desenvolvimento dele na escola em que trabalhava e a segunda, a convivência por uma semana com autores como Ziraldo e especialistas em Literatura Infantil como Elisabete Serra e Laura Sandroni que muito me incentivaram a estudar e continuar o trabalho com as crianças. Pronto! Era impossível mudar o caminho.

Assim, continuei os estudos e o trabalho com os livros. Mais tarde, já em São Paulo, exercendo a docência no Ensino Fundamental e Médio, os livros infantis continuaram a fazer parte do trabalho e mais ainda quando pude conciliar o trabalho na escola com a área editorial. Observei então, que os textos infantis abordavam vários assuntos nos diversos gêneros, porém, o final dos anos 80 e a década de 90 foi marcada pela quase exclusão de qualquer referencial ao Sagrado. Os poucos textos que mantinham pertenciam as editoras religiosas. Isto deveu-se ao fato de muitos professores e por sua vez especialistas e editores acreditarem, por conveniência, que estas referências não deveriam fazer parte da Literatura

Infantil, por pertencer ao campo da Religião e como tal de foro íntimo das pessoas.

Não me conformava com a situação, pois lembrava as boas poesias de minha infância que estavam repletas de marcas do Sagrado que me divertiram, alegraram e, junto com a educação materna, fizeram com que minha ligação com o Transcendente fosse e é uma sólida base para tentar compreender os mistérios da existência humana. Desta forma, ao iniciar o curso de pós-graduação em Ciências da Religião, meu desejo foi pesquisar nas obras de vários autores as imagens, marcas, traços e qualquer outro sinal da presença do Sagrado que eles deixaram em seus textos de forma a poder mostrar que não se trata de uma evangelização das crianças, mas de referencial muito bom para a formação dos pequenos.

Assim, ao organizar o trabalho, primeiro fizemos uma seleção bibliográfica da importância da Literatura Infantil, reunindo textos, artigos, conversando com especialistas e remontando o percurso histórico da Literatura Infantil para compreender como o Sagrado entrou e saiu dos textos ao longo do tempo. Depois, a seleção dos autores que apresentaram, de alguma forma, sinal do Sagrado em seus textos de poesia e prosa, o que levou-nos a uma pesquisa e leitura dos livros produzidos de 1950 a 1985. Mais tarde a reflexão sobre a melhor forma de estudá-los e apresentar nos levou à conclusão que estava nos próprios textos a hermenêutica necessária para tentar compreender o que cada autor quis deixar do Sagrado.

Algumas dúvidas surgiram neste percurso. A primeira era a definição do termo Literatura Infantil, a segunda como se poderia afirmar que tal poesia é infantil e a terceira, que muitas vezes nos atormentava, era qual a utilidade deste estudo para o curso Ciências da Religião.

Entendemos que literatura é a emoção escrita ou oral, o belo, o imaginário do autor que não consegue conter seus anseios interiores e os põem para o exterior sobre a forma de texto, de forma a satisfazer algum

desejo e compartilha-lo com o outro, pois, como diz Otávio Paz, “*o homem é inseparável das palavras. Sem elas é inapreensível. O homem é um ser de palavras*”<sup>1</sup>, porque, então, a classificação em literatura infantil, quando poderia ser apenas literatura?

O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), já em 1964 levanta-se contra esta separação, dizendo:

O gênero literatura infantil tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem adulto? Qual o livro de viagens e aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado às crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte?<sup>2</sup>

Esta questão perdurou por muito tempo nos debates acadêmicos, principalmente após a década de 70 quando a literatura infantil no Brasil ganhou um impulso crescente que se mantém até os dias atuais. A razão é que a Literatura Infantil no Brasil inexisteria se não fosse a escola. Ela está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento pedagógico da criança. Para maioria delas, a leitura nasce na escola no momento de letramento e para que ela continue pela vida afora, precisa se consolidar no âmbito escolar. Isto, porque grande parte da população não tem acesso ao livro desde cedo devido a questões econômicas e também culturais, onde o livro não ocupa lugar de destaque na educação familiar. Além do que, fica muito fácil na hora dos pais e professores fazerem a seleção dos textos que serão entregues aos pequenos. É, portanto uma convenção para facilitar a introdução da literatura no mundo infantil. O mesmo questionamento a respeito do que tornava uma poesia infantil pode ser resolvido, uma vez que os próprios autores enquadraram neste segmento. Assim, o gênero Literatura Infantil ganha espaço e adeptos de modo a diferenciar o texto

---

<sup>1</sup> Octávio PAZ, *O arco e a lira*, p. 38

<sup>2</sup> Carlos Drummond de ANDRADE, *Confissões de Minas*, p. 591

para as crianças e os textos para o adulto, sem diminuir a qualidade literária, pelo contrário, exigindo ainda mais deste por estar presente na fase de formação psicológica das crianças. Segundo Regina Zilbermann,

um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular. Com a literatura para crianças não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória dos adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar<sup>3</sup>.

Porém, a importância deste estudo para as Ciências da Religião, que foi o que nos motivou desde o início, é mostrar para os novos autores e para os estudiosos de literatura infantil que as marcas do Sagrado imprimidas por grandes autores em suas obras contribuem para que a criança tenha um encontro mais harmonioso com o transcendente, livre das marcas católico-judaicas e que isso também contribui para a formação de um ser humano em toda sua plenitude. E, que a literatura infantil pode sim encontrar-se com o Sagrado, que, segundo Moraes é:

( ...)o encontro com o Eu superior, que se traduz no encontro com a verdade, a beleza, a gratidão, a esperança, o amor e a fé, qualidades do mundo espiritual presentes no interior de cada um(...) Implica o encontro e a libertação dessas qualidades como forças transformadoras não apenas do próprio indivíduo, mas também da humanidade. Pressupõe o abandono às mesquinharias e uma atuação alinhada às necessidades do planeta, do Todo, da Natureza, do Cosmo. Para transformar o mundo, é preciso, primeiro, compreender a si mesmo e querer se transformar.<sup>4</sup>

O estudo aqui apresentado, é, pois, o passo inicial na área de literatura infantil para uma compreensão maior do Sagrado integrado plenamente, sem receios ou pudores, ao mundo maravilhoso e mágico dos livros infantis.

O período da Literatura Infantil estudado é de 1950 a 1985, observando em quais textos, tanto em prosa quanto em poesia, há alguma

---

<sup>3</sup> Regina ZILBERMANN, *A literatura infantil brasileira*, p. 9

<sup>4</sup> M.C. MORAES, *O paradigma educacional emergente*, p. 109

referência ao Sagrado, seja na mediação entre o ser humano e o transcendente, seja nos sinais e símbolos que se apresentam. Muitas vezes o termo utilizado será *rastros* ou *pegadas*, num empréstimo tomado a Umberto Galimberti, pois estamos convencidos de que realmente muitos autores deixaram marcas do Sagrado.

Não se pode afirmar que os autores estudados — Cecília Meireles, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Ruth Rocha e Jorge Amado — tenham feito tal referência intencionalmente ou com o objetivo de tornar seus textos religiosos apenas porque remetem, de alguma maneira, à questão do Sagrado. O estudo visa, antes, constatar a existência de citações e criações dessa natureza que constituíram os caminhos próprios encontrados pelos autores para as obras aqui analisadas. Vale lembrar que são autores de primeira linha e cujas obras já se tornaram um patrimônio para todos aqueles que apreciam a literatura.

O recorte temporal escolhido privilegia, por um lado, o período em que a produção editorial de Literatura Infantil sai do momento pós-Lobato, autor que transforma a literatura brasileira e cria textos que mesclam a realidade e o fabulário, e, por outro, não contempla a produção surgida a partir de 1985, quando ocorre o chamado *boom* da Literatura Infantil por ocasião do Projeto Ciranda de Livros, com grande produção para atender o mercado.

Para o estudo, selecionamos autores cujas obras ainda estivessem em circulação, em que pese o longo espaço de tempo desde a primeira edição. Por isso não entraram obras publicadas por editoras religiosas, pois, segundo nossas pesquisas, os livros publicados nesse período não estão mais sendo reeditados, o que vem atestar a transitoriedade dessas obras.

A estrutura do texto está assim organizada: o primeiro capítulo faz uma pequena apresentação da história da Literatura Infantil, a qual, embora remonte à própria origem da expressão oral do homem, se inicia de modo

mais específico com a ascensão da burguesia e a individuação da criança. Também contempla seu desenvolvimento no Brasil, quando chega com os jesuítas, que vieram para converter os indígenas e se responsabilizaram pela educação na Colônia, estando, portanto, vinculada a textos sagrados e depois à formação moral e cívica.

No segundo capítulo estuda-se o Sagrado e sua influência sobre o homem, partindo de textos de Rudolf Otto, Octávio Paz, Umberto Galimberti e Mircea Eliade, assim como a forma pela qual ocorre a manifestação e a própria ruptura tanto do Sagrado quanto do profano, sem deixar de discutir a importância do Sagrado na formação da criança.

A compreensão dos rastros do Sagrado nas obras dos poetas citados é o conteúdo do terceiro capítulo, mediante análise efetuada à luz das discussões desenvolvidas no capítulo precedente, lembrando a afirmação de Octávio Paz de que a poesia é a marca do eterno. Já no quarto capítulo se analisam dois textos em que há um outro olhar sobre o Sagrado, dirigido a seus mediadores, que muitas vezes dele se aproveitam para outros fins que não a transformação e o encontro amoroso, mas para causar medo, pavor e fazer que o divino seja visto com desconfiança e terror.

## Capítulo I – O itinerário da Literatura Infantil

Neste capítulo apresentamos uma síntese histórica da Literatura Infantil no mundo e no Brasil, baseados nas autoras brasileiros Regina Zilbermann, Marisa Lajolo, na espanhola Carmen Bravo-Villasante e na portuguesa Maria Laura Bettencourt Pires, desde a antigüidade clássica até os dias atuais, procurando mostrar os principais autores e como se formou a Literatura Infantil até os nossos dias.

### 1. Breve histórico da Literatura Infantil

A Literatura Infantil, enquanto especificidade literária, com autonomia, mesmo que relativa, em relação à literatura, nasce com a sociedade burguesa, não obstante o fato de gêneros que lhe são próprios remontarem à Antigüidade, como se dá com o Mito e a Fábula. Já no próprio Platão, em sua obra *A República*, Livro II, no diálogo entre Adimanto e Sócrates, este afirma que:

(...) Então, como se contássemos uma fábula para nos entreter, façamos com palavras a educação desses homens. (...) Em seguida, convenceremos as mães e as mães a contarem aos filhos as que tivermos escolhido e a modelarem-lhes a alma com as suas fábulas muito mais do que com o corpo com as suas mãos. <sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> PLATÃO, *A República*, p. 64-65

Assim, a base histórica mais ampla da Literatura Infantil é o processo de transformação que atravessa e conforma os séculos XVIII e XIX, cujas raízes geográficas e históricas estão fincadas na Europa, mais especificamente na França e na Inglaterra. Essa transformação, de proporções gigantescas e desdobramentos universais, deve-se ao que Hobsbawm denomina de “*dupla revolução: a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Industrial inglesa, filhas ambas do mesmo movimento histórico e cujo produto é a sociedade burguesa*”<sup>6</sup>. Mas o caráter genérico do que seja a sociedade burguesa, a complexidade que lhe é peculiar e a multiplicidade de suas manifestações — seja no domínio das forças econômicas e sociais, seja naquele das instituições políticas e dos movimentos culturais, artísticos e intelectuais — impõem a especificação de manifestações concretas da sociedade burguesa que possam ser concebidas como nexos articuladores da Literatura Infantil como especificidade literária. Dois deles são fundamentais para esse entendimento: a família burguesa — e nela a individualização da criança — e o rico e florescente desenvolvimento das artes — e nele os modos artísticos e as práticas literárias.

### Segundo Lajolo:

A Literatura Infantil traz marcas inequívocas desse período. Embora as primeiras obras tenham surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, sua difusão aconteceu na Inglaterra, país que, de potência comercial e marítima, salta para a industrialização, porque tem acesso às matérias-primas necessárias (...), conta com um mercado consumidor em expansão na Europa e no Novo Mundo e dispõe da marinha mais respeitada da época.<sup>7</sup>

Já às vésperas do século XVIII, em 1697, Charles Perrault (1628-1703) publicou um livro com os relatos tradicionais ouvidos durante a sua infância e passados de boca em boca, aos quais deu forma literária: *Contos da mamãe ganso, histórias e contos do passado com moralidade*. Mesmo para alguém de sua importância, na França de Luís XVI, o Rei Sol, Perrault não

---

<sup>6</sup> Eric J. HOBBSAWM, *A Era das Revoluções*, p.18

<sup>7</sup> Marisa LAJOLO, *Literatura infantil brasileira*, p.18.

poderia imaginar que sua obra seria impressa milhares de vezes pelos séculos posteriores, tornando-se um dos maiores clássicos que o homem já produziu. Os contos são: *Grisélida*, *Os três desejos*, *A princesa pele de burro*, *A bela adormecida*, *As fadas*, *A gata borralheira*, *O capuchinho vermelho*, *Barba azul*, *O gato de botas*, *O pequeno polegar* e *Henrique do topete*.

Com o objetivo de instruir divertindo, o prelado e escritor francês François de Salignac Fénelon (1651-1715) publicou o livro *Tratado de educação dos jovens* (1670), em que defendia a idéia de dar às crianças outras leituras além das tradicionais obras com a vida dos santos e textos sagrados. Quando foi indicado para preceptor do Duque de Borgonha, neto de Luís XIV, escreveu para o menino livros profanos inspirados na mitologia clássica, nas lendas da Antigüidade e na tradição popular: *Fábulas*, *Diálogos com a morte* e *As aventuras de Telêmaco*, este último lançado postumamente em 1717.

Mas a Literatura Infantil floresceu mesmo no século XVIII, quando os irmãos filólogos e poetas Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, ou simplesmente *Irmãos Grimm*, recolheram mais de 200 histórias de origem popular contadas por mães e avós alemãs para “fazer dormir” as crianças. Os irmãos pensavam, na verdade, em salvá-las do esquecimento, mas conseguiram mais do que isso: presentearam o mundo com uma das melhores coleções de contos populares.

No século XIX, apareceram grandes autores para as crianças. Entre eles, o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), que escreveu mais de 150 contos, muitos dos quais recolhidos também da tradição popular, e que ficou conhecido como o *pai da Literatura Infantil*, por causa de seu livro de contos *Histórias do cisne* (1833), a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias às crianças e sugerir padrões de comportamento a ser adotados pela nova sociedade que se organizava. É preciso notar que até este século não existia sequer o conceito de criança como temos hoje (uma fase com características e necessidades próprias). A

infância não era levada em conta no processo de socialização e no contexto humano.

O século XX encontra a Literatura Infantil efervescente também em outros países além da Europa, como nos Estados Unidos, que vão impondo uma nova ordem político-econômica mundial. Apresenta-se consolidado o domínio da burguesia em todas as áreas, incluindo o campo cultural, e essa classe social assume cada vez mais a produção artística e literária. Nesse contexto, a criança passa a deter um novo papel na sociedade: o de consumidora.

## **2. A Literatura Infantil no Brasil**

A Literatura Infantil no Brasil foi introduzida como instrumento de catequese, uma vez que os jesuítas acompanharam os portugueses no processo de colonização, ficando responsáveis pela educação formal das crianças de estirpe lusitana e pela conversão e educação dos indígenas e seus filhos. Por isso, os primeiros livros do gênero, trazidos pelos padres, eram as histórias sobre a vida dos santos e as Sagradas Escrituras.

Com a chegada de D. João VI e da família real, mais os nobres que fugiam de Portugal por causa da invasão napoleônica em 1808, o Brasil deixa de ser colônia e passa à categoria de reino. Em virtude disso, é criada a Biblioteca Nacional e a Imprensa Régia, que vai cuidar da impressão dos primeiros livros para as crianças, ainda traduzidos. É o passo inicial na formação de um projeto editorial, mesmo esporádico, voltado para o público infantil, com a tradução, em 1818, de *As aventuras pasmosas do Barão de Münchhausen* (1808) e a coletânea do senador José Saturnino da Costa Pereira (1778-1852) *Leitura para meninos*, uma coleção de histórias morais relativas

aos defeitos usuais às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural.

Antes da publicação do material impresso, já circulava em meio à população, desde o início da colonização, as histórias orais. Estas, primeiramente trazidas pelos portugueses, foram depois, com o aporte dos índios e a chegada dos escravos, miscigenadas tal como a população, o que enriqueceu a literatura oral. Nas casas-grandes, nos engenhos, era fato comum as crianças ouvirem histórias contadas pelos pretos e pretas velhas. Segundo Gilberto Freyre “(...) *negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos.*”<sup>8</sup>

Mas será um jornalista e professor, Carl Jansen (1829-1889), alemão de nascimento, que, percebendo a falta de livros para as crianças, traduziu uma série de obras dos clássicos universais, como *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *Dom Quixote de La Mancha* (1886).

Seguindo o desejo de Carl Jansen de oferecer às crianças textos apropriados à sua formação, Figueiredo Pimentel (1869-1914), também jornalista e homem ligado à escola como pedagogo, publicou uma coletânea chamada *Contos da carochinha* (1894). Entre os 61 contos, há histórias de fadas da tradição européia, mistura de contos exemplares, apólogos, fábulas etc., recolhidos de várias partes do mundo, incluindo a tradição oral do Brasil, com o aporte dos indígenas e dos escravos. Ademais, Pimentel publicou, em 1896, *Histórias da avozinha* e *Histórias da baratinha*, ambas com textos baseados na tradição popular.

Em *Contos da carochinha*, na sua dedicatória, o autor afirma, segundo nos conta Laura Sandroni:

---

<sup>8</sup> Gilberto FREYRE, *Casa-grande e senzala*, p.560

São histórias para crianças, mas todas têm um fundo moral, muito proveitoso, ensinando que a única felicidade está na Virtude e que a alegria só vem de uma vida honesta e serena. (...) E lembra-te que a vida de família é a única feliz, que o lar é o único onde se vive bem, onde a Mulher, boa, santa, pura, carinhosa, impera como rainha.<sup>9</sup>

A respeito da publicação do livro, o jornal *Diário de notícias* fez a seguinte apreciação:

Contos da carochinha, livro para crianças, contendo maravilhosa coleção de contos, populares, morais e proveitosos de vários países, traduzidos uns e outros apanhados da tradição oral (...) excelente trabalho de grande utilidade para as escolas porque, ao mesmo tempo que deleita as crianças, interessando-as com a narração de contos morais muito bem traçados, lhes desperta os sentimentos do Bem, da Religião e da Caridade, principais elementos da educação da infância.<sup>10</sup>

Nota-se que até nas palavras do jornal o importante não é a leitura das crianças somente, mas o auxílio dos contos na formação de valores, incluindo os religiosos, como herança dos jesuítas.

A importância de Figueiredo Pimentel para o alvorecer da Literatura Infantil no Brasil é de tal ordem que a Livraria Quaresma, do Rio de Janeiro, convidou-o para, além de escrever, coordenar a Coleção Biblioteca Infantil Quaresma, que publicou contos clássicos de Perrault, Grimm e Andersen, como também vários autores nacionais.

Não se pode esquecer ainda, no gênero da poesia, de Zalina Rolim (1869-1961), paulista, professora alfabetizadora que escreveu para diversos jornais e revistas, incluindo o jornal *A província de São Paulo*. Rolim incluiu poesias infantis em seu livro *Coração* (1893) e, na obra *Livro das crianças*, de 1897, fez parceria com João Köpke (1825-1926), advogado e promotor público que trocou a magistratura pelo magistério, exercendo-o em Campinas, São Paulo. No poema *Prece*, a moral, a religião e a virtude estão plenamente integradas à formação das crianças:

---

<sup>9</sup> Laura SANDRONI, *De Lobato a Bojunga...*, p.36

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.37

## Prece

Rezar, filhinas, é sentir-se a gente  
 Mais perto de Jesus, do céu mais perto.  
 Quem volve os olhos deste mundo, sente  
 O coração, para outro mundo, aberto.

E a doce paz, que inspira a crença, avulta;  
 E cresce pouco a pouco; e infunde, na alma  
 Dos que rezam, a fé na força oculta,  
 Que as agonias desta vida acalma.

“E Jesus ouve a todos, Mamãezinha?”  
 — Sim, meu amor, e dá remédio a tudo;  
 Nem só ouve, mas olha e adivinha  
 Muito martírio inconsolado e mudo.

E em todos verte o bálsamo divino,  
 Que conforta, e alivia, e dá esperança,  
 Como o frescor de um veio cristalino,  
 Em cujo espelho o nosso olhar descansa.

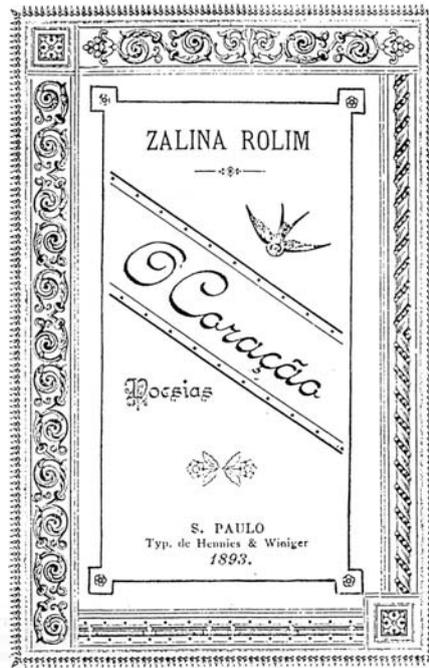
Escuta a voz de tudo o que tem vida,  
 Desde o animal à planta mais obscura,  
 E, onde pressente incógnita ferida,  
 Seus olhos pousa com maior ternura.

É por isso que a gente em graça ou pena,  
 Flutuando em gozo, ou se afogando em mágoa,  
 Eleva, crente, à vastidão serena  
 Do céu, os mesmos olhos rasos d’água.

Para falar a Deus, nos vossos beijos  
 Meus lábios muita vez perfume e adoço;  
 E ouço em torno de mim santos adejos,  
 Quando comigo murmurais: “Pai Nosso!”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Zalina ROLIM, *O coração*, p.18.



Capa do livro *O coração*, de Zalina Rolim. Edição de 1893.

Foi, entretanto, com Coelho Netto (1864-1934) que na Literatura Infantil ganhou importância o patriotismo, o amor à terra e a veneração aos seus símbolos e aos valores da tradição cristã. Em seus *Contos pátrios*, de 1894, em parceria com Olavo Bilac (1868-1918), a exaltação e amor à terra marcam presença constante, procurando incutir nos pequenos, desde a mais tenra idade e principalmente no período escolar, valores cívicos e cristãos tão caros em uma sociedade em que a maioria da população era rural e, portanto, se encontrava espalhada na vastidão do território nacional:

#### O Pároco (Conto de Natal)

A noite, esparzida de astros, silenciosa e morna, corria triste, sem os rumores dos outros anos, quando era vivo o venerando pároco centenário que fazia despertar a aldeia religiosa com a voz sonora do grande sino e com os repiques festivos das campanilhas.

la passar despercebida a grande hora da alva redentora em que Jesus nasceu. Campos desertos, choças apagadas, eiras emudecidas; apenas um ou outro campônio, saudoso do velho tempo, abria a porta da cabana para olhar os muros brancos do presbitério vazio, ou passava por entre as ramagens sob o esplendor infinito da noite constelada como o espectro errante da alegria extinta, tocando tristemente a viola.

O luar escorria pelas árvores alvo e diáfano, tornando de prata a água lisa de um lago, onde o gado descia a beber. A igreja fechada,

branca, muito branca, era como uma miragem feita pela claridade do luar. Mas que diferença dos outros anos! Àquela hora as portas escancaram-se exalando o aroma santificante dos turíbulo, e o campo enchia-se com o clangor dos hinos do povo que saudava, no berço de palhas do presépio, o louro Jesus nascido, deitado, com simplicidade, entre a vaca e o jumento. Que diferença dos outros anos! Quem tivesse ouvido a palavra trêmula do velho pároco, narrando, ao fim da missa, diante do pequeno estábulo, o mistério de Belém: como nascera de Maria Sempre Virgem numa creche, para exemplo dos homens, Jesus, Rei dos reis, a Misericórdia Suprema, — teria saudades diante de tamanha tristeza.

Nos currais fechados, o gado, adivinhando a lúcida manhã, mugia profundamente. No céu puríssimo resplandecia radiosa a estrela-d'alva.

Um galo solitário cantou um quintalejo; logo outros responderam dos quintais vizinhos e de sítios distantes: e, súbito, o som profundo e grave do grande sino quebrou o silêncio melancólico da noite natalícia, e logo romperam, em bimbalhada estrídula, todas as campanilhas, justamente como nos outros anos quando era vivo o venerando pároco...

De repente abriram-se as portas das cabanas; os campônios atônitos apareceram nas soleiras em leves roupas, as cabeças nuas, com lanternas erguidas alumando a noite.

As portas da igreja, abertas de par em par, deixavam ver o interior resplandecente de luzes.

O espanto foi grande entre os rústicos, e nenhum ousou aventurar um passo, posto que os sinos continuassem a soar festivamente.

Foi um boiadeiro quem primeiro falou:

— Deve ser alguém da vila que faz soar à missa para trazer-nos recordações do pároco, fazendo que não passe em silêncio a noite santa de Deus!

Os sinos repicavam a mais e mais, e já, em frente da igreja, havia uma esteira de luz dourada que os sírios alastravam.

— Se fôssemos? — propôs o boiadeiro.

Voltaram todos em busca dos gabões e dos cajados, e reunindo-se, com os olhos sempre fitos na igreja iluminada, foram seguindo em grupo cerrado, lentos, tímidos, parando de instante a instante, assustando-se ao mínimo ruído.

lá à frente o boiadeiro, batendo fortemente com o cajado para animar a turba.

Longe, pelos quintais, ao frescor da madrugada, cantavam mais vivamente os galos.

De repente, um grito atroou no grupo: o boiadeiro, que ia à frente, caíra de bruços junto às escadas da igreja, clamando. Nem um só homem atreveu-se a avançar para acudi-lo: e só quando o viram erguer-se com os braços alçados, brandindo o cajado grosseiro, foram caminhando.

— O pároco! O pároco! — bradava o boiadeiro, subindo tremulamente os degraus. E os homens, que haviam corrido, extáticos, parados, balbuciavam, com os olhos postos no altar da igreja: — O pároco que morreu! O pároco!

Começava a missa de Natal.

Junto ao altar, revestido dos hábitos religiosos, estava um velhinho pálido, inclinado sobre o livro santo, as mãos juntas, orando. À sua esquerda, fúlgido, com um esplendor sideral, um anjo de asas cerradas,

ajoelhado, agitava um turíbulo; outro, à direita, todo num grande limbo de luz, acolitava.

Nada se ouvia. De vez em vez o oficiante voltava-se para abençoar os campônios, e as suas pupilas fulguravam.

A pouco e pouco foi-se enchendo o templo; havia montes de cajados à porta.

Os anjos passavam de um para o outro lado, sem tocar o solo, aereamente, num adejo sutil.

Finda a cerimônia, a benção do sacerdote caiu sobre toda as cabeças: e ele, lentamente, como nos outros anos, desceu para o meio da turba, e, flanqueado pelos anjos, fez a prédica consoladora, narrando o poema da simplicidade, paternalmente, com a palavra pausada e meiga. Por fim, passando pelos grupos, mais pálido que o luar que ainda alumiaava, ia dando a beijar a mão gelada; e viram todos o santo e venerando padre alçar os braços em ofertório; depois voltou-se, e ficou muito tempo a olhar a vila; e uma lágrima silenciosa desceu-lhe pela face branca. Ajoelhou-se, curvando a frente, e todos imitaram-no.

Quando os campônios levantaram os olhos, os sinos tinham emudecido no campanário, e, pelas tábuas do templo, havia estrias douradas de sol. O pároco e os anjos haviam desaparecido.

Entreolharam-se os campônios; e o boiadeiro, tomando o cajado, indagou:

— De onde terá vindo? De onde terá vindo?

— Do túmulo, de certo! — disse uma velha a tremer.

— Do céu, — disse um pastorinho — não há anjos na terra.

— Mas ele chorou, — disse o boiadeiro, — e não há lágrimas no céu.

— Saudades talvez! — falou alguém no grupo.

Então o boiadeiro, fazendo o sinal da cruz, suspirou:

— Se há saudade no céu, bem triste deve ser a vida eterna!

— Bem triste! — suspiraram todos.

E o boiadeiro ajuntou:

— Bem disse ele, antes de expirar, que havia de estar sempre conosco, acompanhando-nos em nossas dores e em nossas alegrias! Bem disse ele antes de expirar...

— Sempre estará conosco protegendo-nos à nossa mesa, à beira do nosso leito, junto ao sepulcro em que ficarmos! — disse um sertanejo.

E todos, movidos pelo mesmo sentimento, levantaram para o céu os olhos agradecidos. A manhã de Jesus resplandecia.

\* \* \*

E eis porque não tem pároco a igreja de S. José do Monte: os presbitério é o céu, e o pároco é sempre o mesmo, que desce, em espírito, para abençoar as almas e as campinas.<sup>12</sup>

Dessa forma a criança compreendia neste Conto de Natal que o amor e a fé eram os ingredientes maiores na vida do cidadão e que a bondade de

<sup>12</sup> Olavo BILAC e Coelho NETTO, *Contos pátrios*, p.64-66.

Deus permitia que o velho pároco viesse abençoar aqueles que ele tanto amara e transmitira os ensinamentos cristãos.

A gama de autores que vislumbravam no patriotismo a boa formação moral e intelectual das crianças era grande na época. Dentre eles e suas obras, todas voltadas para o uso pelas crianças na escola, vale a pena destacar: Júlia Lopes de Almeida (1864-1934) e Adelina Lopes (Lisboa, 1850-?) com *Contos infantis*, de 1886; João Vieira de Almeida (?-1912) com o livro *Pátria* — quarto livro de leitura nas escolas; Afonso Celso (1860-1938) com *Por que me ufano de meu país*, de 1901; Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) com *Histórias de nossa terra*, de 1907. A fim de não esquecer o folclore nacional, cabe ressaltar que Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921), folclorista, uma das pioneiras nos esforços para a renovação do ensino na época, publicou uma série de livros sobre lendas, adivinhas, parlendas, cantigas, provérbios etc., recolhidos da tradição popular e adaptados para manter a norma culta da língua e evitar assuntos folclóricos considerados impróprios para o bom desenvolvimento da moral das crianças. Suas principais obras são: *As nossas histórias*, de 1907; *Os nossos brinquedos*, de 1909; *Cantiga das crianças e do povo* e *Danças populares*, ambas de 1916; *Provérbios populares, máximas e observações usuais*, de 1917. Esta última foi muito utilizada nas escolas primárias de todo o País.

Essa visão de Literatura Infantil vai perdurar um tempo ainda, até, pelo menos, a década de 60 do século XX. Antes, surgiu um autor que iria se tornar um dos marcos mais fortes da nossa literatura: José Bento Monteiro Lobato ou, simplesmente, Monteiro Lobato, com sua irresistível criação de *Narizinho arrebitado*, obra indicada como segundo livro de leitura para uso nas escolas primárias. E aí, a história começaria a mudar...

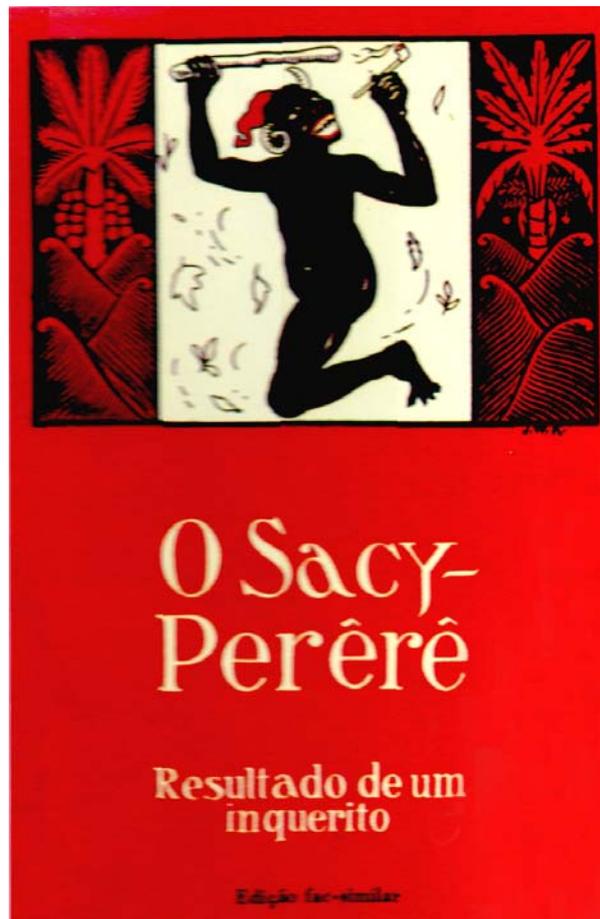
### 3. Monteiro Lobato

José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo. Filho de Olímpia e José Bento Monteiro Lobato, mais tarde mudou o nome para José Bento, para poder usar uma bengala com as iniciais JB que pertencera ao seu pai. Criado entre a cidade e a fazenda do avô, José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, Monteiro Lobato teve uma infância feliz. Na adolescência, em 1896, morreu-lhe a mãe, e o pai dois anos mais tarde. Foi, então, cuidado pelo avô, que decidiu que o neto iria cursar Direito, e não a Faculdade de Belas Artes, que tanto desejava. Obediente, formou-se advogado e foi indicado para o cargo de promotor na cidade de Areias, interior paulista. Sem ter muita ocupação, pois a criminalidade era quase inexistente, dedicou-se a escrever contos. Em 1908 casou-se com Maria Pureza da Natividade, com quem compartilhou uma vida tranqüila e pacata.

Com o falecimento do avô em 1911, recebeu como herança a fazenda Buquira. Disposto a ser fazendeiro e com muitas idéias para melhorar a produção agrícola, deixou a pequena Areias e foi para Taubaté, onde nasceram os filhos Edgar e Guilherme. Lá, seus sonhos de riqueza foram por água abaixo em razão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e da burocracia que impedia a modernização da agricultura. Inconformado com a situação do Brasil, vendeu a fazenda e mudou-se para São Paulo em 1916.

A capital seria decisiva na obra e na vida de Lobato. Começou a publicar e depois editar a *Revista do Brasil*, um fórum para discutir os problemas nacionais. Trabalhou para o jornal *O Estado de São Paulo*, conduzindo uma pesquisa sobre a origem do saci-pererê e sobre os causos aprontados por essa entidade fantástica. Empolgou-se tanto, que transformou o resultado num livro de 300 páginas, publicado às suas

expensas, sob o pseudônimo de Demonólogo Amador: *Sacy-Perêrê, resultado de um inquerito* (1918).



Livro com o resultado da pesquisa que Monteiro Lobato fez para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Em 1918 publicou o livro *Urupês*, reunião dos contos escritos em Areias e na fazenda Buquira. Foi um sucesso. Vendeu mais de 10 mil exemplares em poucos meses, fato espantoso para um país de analfabetos, onde as tiragens de livros eram de mil exemplares, cujas vendas levavam anos.

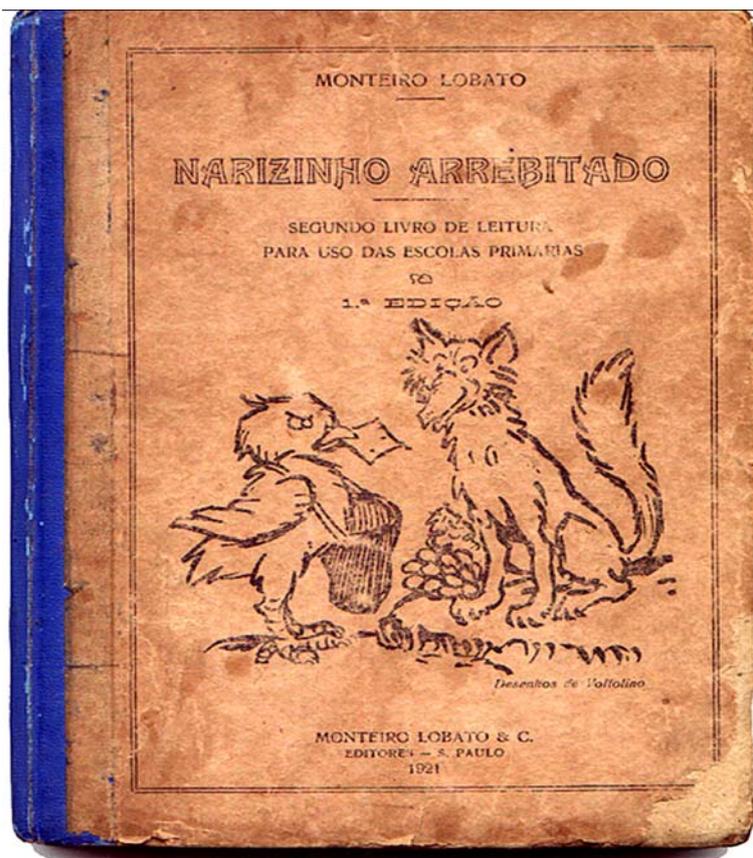
Feliz com o sucesso de *Urupês*, Lobato observou haver um nicho excepcional no País que precisava ser conquistado, e isso só poderia ser feito por homens arrojados e com amor pelo Brasil. Fundou, em 1919, a Editora e Gráfica Monteiro Lobato e Cia. com o amigo Otales Marcondes Ferreira, tornando-se então também editor e mostrando-se disposto a inundar o País com milhares de livros seus e de outros autores.

Trabalhando arduamente como editor/escritor, logrou lançar, em 1920, seu primeiro livro para crianças: *A menina do narizinho arrebitado*, marco de uma nova geração na ainda incipiente Literatura Infantil, com 43 páginas, tamanho grande (29 x 22 cm), capa cartonada e ilustrações de Voltolino, pseudônimo de Lemmo Lemmi (1884-1926). É comum haver confusão com a edição escolar, acrescida de outras histórias inéditas, com 181 páginas e título de *Narizinho arrebitado*, publicada no ano seguinte, em 1921. Depois de aprovado pelo governo de São Paulo, foi adotado pelas escolas públicas como “segundo livro de leitura”, cuja edição recorde de 50.500 exemplares, mais simples, foi feita em brochura no formato menor (18 x 23 cm), também com ilustrações de Voltolino. A tiragem inicial de 50 mil exemplares causou enorme espanto. O livro começou a circular e caiu rapidamente no gosto das crianças (e dos adultos também).



Capa da 1ª. Edição do Livro *A menina do narizinho arrebitado*, muitas vezes confundida com a edição escolar chamada de *Narizinho arrebitado*.

Conta-se que o presidente Washington Luís, de São Paulo, e seu secretário do Interior, Alarico Silveira, certa vez visitavam algumas escolas e viam sempre nas mãos das crianças uns livros sem capa, sujos, com orelhas, sinal de que estavam sendo muito lidos. Com efeito, Lobato mandara como propaganda a todos os grupos e escolas do estado um exemplar de sua primeira obra infantil. O presidente, a certa altura, perguntou às crianças qual era o livro e o autor, ao que responderam se tratar de *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, obra da qual gostavam demais, conquanto na escola quase não houvesse livros. Comovido, o presidente mandou o secretário conversar com o autor/editor para comprar uma boa quantidade de exemplares e enviá-los a todas as escolas. Alarico ligou para Lobato e perguntou quantos exemplares poderia fornecer para o governo. O escritor disse ter “nariz a dar com pau”. Podia vender 10 mil, 20 mil, 30 mil exemplares, quanto o governo quisesse. Pensando ser uma brincadeira, o secretário fez uma encomenda “monstro” de 30 mil exemplares, com uma exigência: só os pagaria se estivessem no almoxarifado do governo no dia seguinte. Agradeceu e desligou o telefone, pois achava impossível o cumprimento de sua proposta e esperava outra ligação de Lobato, o que não ocorreu. Para espanto do secretário, no dia seguinte, vários caminhões começaram a despejar os 30 mil “narizes” solicitados.



Capa da edição para as escolas de *Narizinho arrebitado*, que vendeu mais de 50 mil exemplares para o Governo do Estado de São Paulo

Tal fato demonstra a crença de Lobato no poder da literatura e da educação. Sua paixão pelo potencial do Brasil, suas esperanças de que o País deixasse de ser atrasado e se tornasse uma nação desenvolvida marcam toda a sua obra, tornando-se a sua ideologia. Segundo a autora Zinda Vasconcelos:

A partir do exame da vida de Lobato e da leitura de suas obras, poderíamos resumir sua ideologia econômico-social, por um lado, como a de alguém rebelde contra a estrutura oligárquica do poder vigente; nacionalista; cada vez mais preocupado com a miséria do povo e consciente de que a prosperidade das elites dela dependia; adversário de idéias, crenças, valores — principalmente os da educação católica — que favorecessem a manutenção do status quo; vago defensor, em teoria, de idéias socializantes contra o obscurantismo autoritário do poder. Mas, por outro lado, poderíamos definir essa ideologia como a de uma pessoa que na prática acreditava no desenvolvimento econômico capitalista para a resolução dos problemas brasileiros e na ação da iniciativa privada — de preferência a de indivíduos bem-intencionados, modernos e arejados, iluminados pelo conhecimento científico; que tinha profundo horror à estatização, associada por ele à ineficiente e corrupta máquina

burocrática brasileira, que estaria irremediavelmente ligada à velha ordem de coisas e que queria libertar o país; presa, de um modo geral, aos termos liberais (liberdade, democracia etc.).<sup>13</sup>

Lobato escreveu textos literários, mas também estava presente neles a preocupação de passar informações que suscitassem o questionamento e o debate por parte das crianças. Misturava fantasia e realidade, o que é essencial para atrair o jovem leitor. Reviu valores apresentados e mostrou que novos podiam ser incorporados para que a sociedade vivesse melhor. Isso fica demonstrado na fábula *A cigarra e a formiga*. Não satisfeito com a versão clássica de *La Fontaine* (1621-1695), em que a formiga deixa a cigarra morrer porque ela não ajuntou nada para o inverno, mas só cantava, Lobato adaptou-a de forma que mostrasse aos pequenos leitores a importância dos artistas, dos músicos, a arte como trabalho, a solidariedade:

#### A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

<sup>13</sup> Zinda VASCONCELOS, *O universo ideológico...*, p.15.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol<sup>14</sup>.

Na produção dos seus livros infantis, o sítio do pica-pau amarelo era um espaço de magia que se integrava à natureza. O faz-de-conta, o pó de pirlimpimpim, os personagens do folclore e as boas traduções que Lobato fazia dos antigos clássicos tornaram-se um marco na Literatura Infantil.

Em 1924, por causa da revolta do comandante Isidoro Lopes em São Paulo, o governo federal mandou bombardear a cidade, gerando total desorganização, asfixia financeira e grande quebradeira de empresas, entre as quais a Editora Monteiro Lobato e Cia. O escritor, então, dedicou-se com afinco à literatura e mais tarde fundou a Cia. Editora Nacional e depois a Editora Brasiliense. Era um homem impulsivo em sua crença no País. Acreditava tanto no Brasil, que encetou uma campanha para provar que aqui existia petróleo. Foi preso por seis meses por apregoar “tamanho bobagem”, segundo a concepção da elite dominante, na ditadura de Getúlio Vargas.

Seus dois filhos homens morreram cedo; só lhe restaram as duas filhas, Marta e Gulnara. Lobato, entristecido com tudo, tornou-se cada vez mais amargurado, vindo a falecer em 5 de julho de 1948.

Ajudou a mudar o pensamento brasileiro. O primeiro poço de petróleo foi aberto no Recôncavo Baiano e recebeu o nome de Poço Monteiro Lobato. Por seu turno, a Literatura Infantil mudou, e para melhor. Monteiro Lobato abriu espaço para uma nova geração de autores e para um novo momento na história literária.

#### **4. Caminhando a passos lentos**

---

<sup>14</sup> Monteiro LOBATO, *Fábulas*, p.7.

Mas a Literatura Infantil não caminhou a passos largos, como se poderia imaginar. Apareceram bons autores, mas o mercado editorial ainda estava para ser conquistado. Houve uma mudança profunda na realidade brasileira, que começava a industrializar-se, e a necessidade de mais mão-de-obra foi suprida pelos habitantes da zona rural. Estes se mudaram para as grandes cidades, inchando a periferia daquelas que não contavam com planejamento urbano. A perda do modo de vida rural estará presente em autores como Maria José Dupré (1905-1984), com *A ilha perdida e Éramos seis* (1943), dois grandes sucessos até hoje.

Abrindo-se para todos os gêneros literários e o folclore, merecem destaque *Histórias da velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego (1901-1957), e *O boi aruá* (1940), de Luís Jardim (1901-1987). A história do Brasil ganha destaque com *As aventuras de Tibicuera* (1937), de Érico Veríssimo (1905-1975), que também escreveu seis histórias mais curtas: *Aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres* e *Rosamaria e o castelo encantado*, em 1936; *O urso com música na barriga*, em 1938; *A vida do elefante Basílio* e *Outra vez os três porquinhos pobres*, em 1939, publicados pela editora gaúcha Globo e reeditados sucessivamente até 2002, quando ganhou nova casa editorial e roupagem gráfico-visual. Cabe mencionar ainda Viriato Correia com *Cazuza* (1938), Graciliano Ramos com *A terra dos meninos pelados* (1939), Vovô Felício, pseudônimo de Vicente Guimarães, com *João Bolinha virou gente* (1943).

O golpe militar de 1964 encontra a Literatura Infantil em um momento de quase total imobilismo, e ela vai assim até o início da década de 70. Segundo Zilbermann:

(...) no começo dos anos 70, a Literatura Infantil brasileira apresentava visível estagnação, resultante dos problemas arrolados: repetição dos modelos criados, então com grande originalidade, por Monteiro Lobato; visão conservadora do país; predominância de perspectiva moralista ou pedagógica dos textos literários. Autores bastante populares nos anos 70, como a mencionada Maria José Dupré ou o Vovô Felício (provavelmente

um dos maiores best-sellers do período), tinham público certo, valorizados por professores (...).<sup>15</sup>

A partir da metade dos anos 70, a Literatura Infantil ganhou vida nova com autores como Lígia Bojunga Nunes — que publicou *Angélica* (1975) e, além de ser ganhadora do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY – International Board on Books for Young People, em 1982, foi agraciada, em 2004, com o Astrid Lindgren Memory Award (ALMA), prêmio concedido pelo governo sueco pelo conjunto de sua obra em texto e ilustração —, Ana Maria Machado, com *Raul da ferrugem azul* (1979), e Ruth Rocha, com *Reizinho mandão* (1979). É importante lembrar que o País vivia o período áureo da ditadura militar e os textos de Ana Maria Machado e Ruth Rocha tratavam de temas como liberdade, democracia, direitos do cidadão, liberdade de expressão, direito do povo de escolher os governantes etc.

Mas foi no começo dos anos 80 que o Brasil acordou para a Literatura Infantil como instrumento de formação de leitor e de leitor crítico, com o Projeto Ciranda de Livros, realizado pela Fundação Roberto Marinho e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com o patrocínio da Rede Globo e da Hoechst do Brasil. O projeto consistia em uma sacola plástica com 15 livros infantis distribuídos para mais de cem mil escolas públicas do País, junto com um manual de orientação para o professor sobre como utilizar os livros em sala de aula e despertar nas crianças o gosto pela leitura. A par disso, durante o intervalo da programação da TV Globo, eram inseridos desenhos animados contando um pequeno trecho de várias obras e convidando as crianças a procurar os livros nas escolas. Em localidades sem sinal da tevê, entrava a propaganda no rádio. Houve uma procura muito intensa pelos livros, pois as escolas particulares, as públicas que não foram contempladas, as bibliotecas e as livrarias começaram a solicitá-los. O projeto durou quatro anos, distribuiu mais de 500 mil livros e mudou para sempre o modo de o brasileiro ver a Literatura Infantil.

---

<sup>15</sup> Marisa LAJOLO, *Histórias da Literatura Infantil*, p.51

As editoras, percebendo finalmente o grande potencial do segmento infantil, publicaram milhares de novos títulos e lançaram novos autores, como Elias José, Tatiana Belinky, Eva Furnari, Angela Lago, Bartolomeu Campos de Queirós, Luiz Galdino, Júlio Emílio Braz, Fanny Abramovich, sem esquecer o salto de qualidade dado pelos ilustradores Helena Alexandrino, Rogério Borges, Eva Furnari, Cláudia Scatamacchia, Eliardo França, Gian Calvi, Ziraldo etc.

Assim, deste Platão, observamos a importância que foram dados aos textos infantis para formação integral da criança. Seja num primeiro momento através até da literatura com valores religiosos até, num segundo momento com formação moral e cívica. O importante é que atualmente a Literatura Infantil brasileira não fica devendo nada, em termos de qualidade literária, texto e imagem, à literatura produzida no exterior, o que atesta que, apesar de ser produzida em um país jovem na área e ainda depender da escola, ela caminha a passos largos e cumpre o compromisso assumido em fins dos anos 70 e início dos anos 80: questionar, divertir. Formar leitores e cidadãos conscientes.

## **CAPÍTULO II – Do Sagrado à Literatura Infantil: construindo pontes**

Como vimos, a Literatura Infantil, no Ocidente, passou uma boa parte, até metade do século XX, vinculada a uma educação religiosa e moral e cívica. Fundamentalmente, o objetivo era transmitir para a criança os valores cristãos através da vida dos santos e mártires e dos textos das sagradas escrituras. Assim, o Sagrado apresenta-nos como elemento principal na busca de compreensão do ser humano na origem da vida e na razão de sua existência. É possível construirmos uma ligação entre ele e as crianças nos textos infantis de forma que a sua manifestação seja um momento de alegria para as crianças.

### **1. O Sagrado**

Os discursos sobre o Sagrado pertinentes a este trabalho estão aqui ordenados em duas linhas interpretativas. A primeira, articulada por uma “estrutura de oposição”, contrapõe o Sagrado e o profano e propõe-se dar conta da totalidade do fenômeno do Sagrado. A segunda, centrada na

experiência religiosa, procura clarificar as modalidades e o caráter específico dessa experiência.

Deve-se a Émile Durkheim a nítida distinção entre sagrado e profano no estudo do fenômeno religioso. Para ele, todas as formas de experiências religiosas conhecidas apresentam como característica comum a ordenação da realidade em dois domínios opostos: o mundo das coisas sagradas e o mundo das coisas profanas.

Fundamento das crenças religiosas, o Sagrado tem como características essenciais a superioridade e a heterogeneidade em relação ao profano. As crenças religiosas, enquanto representações do Sagrado, manifestam a natureza das coisas sagradas e dos vínculos que as entrelaçam e as põem em relação com as coisas profanas.

A superioridade das realidades sagradas, que devem permanecer à distância das coisas profanas, delas separadas e protegidas por proibições, cria entre esses dois mundos uma relação de rivalidade permeada pelo ciúme e pela hostilidade. As modalidades existenciais próprias dessas duas esferas só podem ser vividas em temporalidades e intensidades assimétricas, visto que as experiências que constituem nossa consciência e nossa conduta e as orientam para dois pólos contrários da vida humana, na sua oposição, chegam quase a se excluírem mutuamente:

(...)essa exclusão recíproca das idéias deve naturalmente chegar à exclusão das coisas correspondentes. Para que as idéias não coexistam, é preciso que as coisas não se toquem, que não estejam em relação de modo nenhum: é o mesmo princípio da interdição.<sup>16</sup>

Galimberti, retoma as posições de Durkheim, afirmando que o Sagrado tem caráter social. Contudo, a oposição sagrado/profano também manifesta uma ambivalência provocativa de dois sistemas de consciência do indivíduo.

---

<sup>16</sup> Émile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*, p.102

(...) As coisas sagradas são superiores por dignidade e poder às coisas profanas, e especialmente ao homem, quando este não passa de um homem e não tem per si nada de sagrado. (...) Não existe na história do pensamento outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferentes, tão radicalmente opostas uma à outra.(...) Aliás, essa heterogeneidade é tal que freqüentemente degenera num verdadeiro antagonismo.<sup>17</sup>

Essa perspectiva apreende e ressalta não só o caráter funcional do Sagrado no âmago da religião, da sociedade e da história, mas o lugar das mediações religiosas.

As instituições religiosas: sacerdócio, culto, sacramentos; os lugares sagrados: montes, fontes, terreiros, casas, templos; os objetos e vestes sagradas: sinos, castiçais, velas, patenas, cálices, terços, mantos, batinas etc. — enfim, lugares, coisas e símbolos sagrados têm sua existência e significados instituídos pela separação entre sagrado e profano.

Para Mircea Eliade, o Sagrado dá-se a conhecer ao homem e a ele se mostra como algo absolutamente diferente do profano: *“O sagrado está saturado de ser”*.<sup>18</sup> E o homem religioso tem o ardente e profundo desejo de “ser”, de participar da realidade, de saturar-se de poder, que é a “realidade por excelência”. Toda a natureza pode manifestar-se como “sacralidade cósmica” e o mundo pode tornar-se sagrado. Toda realidade é marcada pelas pegadas do Sagrado. Esse ato contínuo de manifestação do Sagrado, Eliade denomina de hierofania, cujo significado etimológico é “algo de sagrado se mostra”. E não apenas se mostra, mas constitui um modo de ser. *“O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”*.<sup>19</sup> Mas, se o profano é também um modo de ser no mundo, o Sagrado, “saturado de ser”,

---

<sup>17</sup> Umberto GALIMBERTI, *Rastros do Sagrado*, p.38

<sup>18</sup> Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*, p.28

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.28

é o “fundo ontológico” da realidade. Daí porque *“todo o universo pode ser sacralizado”*. Essa sacralização do universo faz que todas as coisas sejam formas de manifestação do Sagrado e, como tal, objeto de veneração. Não que a pedra, a árvore, o animal, a fonte sejam venerados como tais, ou seja, como coisas integrantes do nosso mundo “natural”, “profano”, mas, em vez disso: *“São-no justamente porque são hierofonias, porque mostram qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere (...) O Cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania.”*<sup>20</sup>

Em Eliade, há uma poetização do mundo, da natureza, do cosmo. Tudo é um símbolo.

Já Rudolf Otto, no seu estudo do Sagrado, afasta-se da abordagem racional e especulativa do fenômeno religioso. Não lhe interessa o estudo das idéias de Deus e de seus atributos e predicados compreendidos pelo pensamento conceitual e expressos em noções claras, todas elas acessíveis ao pensamento, passíveis de análise e suscetíveis de definição. *“A religião não se esgota em seus enunciados racionais”*<sup>21</sup>, os quais se referem precisamente a um elemento não racional. Para apreender a essência da divindade, deve-se recorrer ao não-racional, porque, na idéia de Deus, o elemento irracional supera o elemento racional e até o exclui, como na experiência mística.

Contraopondo-se às idéias iluministas sobre Deus e sobre os fenômenos religiosos, Otto inscreve-se no grupo dos pensadores alemães que entendem a religião *“como um fenômeno humano irreduzível a outro, mistério da interioridade do homem e objeto especial de suas reflexões”*<sup>22</sup>. Ele busca a apreensão do Sagrado pela análise das modalidades da experiência religiosa. Não o conhecimento de Deus pela razão, mas a experiência imediata do Sagrado — possível porque o sentimento religioso é inerente à

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.26

<sup>21</sup> Rudolf OTTO, *O sagrado*, p. 17

<sup>22</sup> Francisco Garcia BAZÀN, *Aspectos incomuns do sagrado*, p.59

realidade mais profunda do ser humano — constitui o objeto de suas reflexões.

Otto reconhece-se discípulo de Schleiermacher, que define o sentimento religioso como um sentimento de dependência total do absoluto. Mas faz-lhe uma correção, assinalando dois erros:

Efetivamente Schleiermacher tem o cuidado de distingüir o sentimento de dependência religiosa dos outros sentimentos de dependência que lhe são análogos e aparecem em outros domínios da vida e da experiência. O primeiro é, segundo ele, absoluto, em oposição aos últimos, que só são relativos. Por outras palavras: entre eles só haveria a diferença que separa o absoluto do relativo, a perfeição dos graus inferiores, mas não uma diferença de qualidade.<sup>23</sup>

Mas é só no plano da analogia que esse sentimento religioso pode ser aproximado ao sentimento de dependência. Quando se trata da experiência imediata de Deus, esse “sentimento de dependência” é “algo mais” e, ao mesmo tempo, algo completamente diferente de todos os outros sentimentos de dependência. Otto chama esse algo mais de “*o sentimento de criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda criatura*”<sup>24</sup> (p. 19).

O segundo erro de Schleiermacher é querer fazer do sentimento de dependência o determinante do verdadeiro conteúdo do próprio sentimento religioso. Desse modo, “*o sentimento religioso brotaria da criatura como um sentimento de si mesmo, uma determinação particular do eu, o da própria dependência só. Só através de uma inferência, concluindo deste sentimento para uma causa exterior ao eu, é que se encontraria o próprio divino*”<sup>25</sup>. Mas os dados psíquicos mostram que o estado da criatura ;é um efeito, a sombra do outro sentimentos o do “terror” que se relaciona imediata e diretamente com um objeto existente fora do eu. Esse objeto é o objeto *numinoso*. É só aqui que se experimenta a presença do *numen*, em que a alma se desvia de

---

<sup>23</sup> Rudolf OTTO, *O sagrado*, p.18

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.19

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 19

si própria para esse objeto; por outras palavras, é só pelo efeito de uma aplicação da categoria do *numinoso* a um objeto real, ou tido como tal, que, como reação, pode surgir na consciência o sentimento do estado da criatura. *“O sagrado é o senso do nume e nasce no sujeito como um sentimento de criaturalidade.”*<sup>26</sup>

Não é possível falar do Sagrado por categorias lógicas. Ele é inefável, escapa *“a todo encapsulamento e é absolutamente inacessível à compreensão conceitual”*<sup>27</sup>.

Mas essa inefabilidade, no ato mesmo em que se fecha a uma apreensão racional, *“possibilita ao sagrado passar da transcendência à imanência e vice-versa, movimentar-se do limite do antropológico para o não-limite do absoluto”*<sup>28</sup>.

O mistério inerente ao Sagrado ao mesmo tempo atemoriza e seduz, abre um espaço ao homem para refutá-lo ou acolhê-lo. Pode ser uma realidade simultaneamente interna e externa ao sujeito e permeável a uma variedade de linguagens: religiosa, psicológica, antropológica, estética, filosófica etc, nenhuma das quais o apreendendo na sua totalidade. Esse caráter enigmático do numinoso, por mais próximo ou distante, atinge a totalidade do ser, no sentido de que sua apreensão não se restringe à capacidade intelectual do homem, mas provoca uma interpelação que nele induz uma resposta — rejeição ou acolhida — que o compromete por inteiro. O crente, por exemplo, o é na sua totalidade; razão, sentimento e vontade estão envolvidos no seu ato e na sua confissão de fé. Também o ateu o é na sua totalidade, e não há ateísmo meramente intelectual; sentimento e vontade são constitutivos da “negação” atéia.

Eis, então, porque ninguém consegue ficar indiferente ao Sagrado. A sedução que ele provoca é muito maior que qualquer outra experiência que o

<sup>26</sup> Aldo Natale TERRIN, *Antropologia e horizontes do sagrado*, p.223.

<sup>27</sup> Umberto GALIMBERTI, *Rastros do sagrado*, p. 39

<sup>28</sup> Aldo Natale TERRIN, *Antropologia e horizontes do sagrado*, p. 223

ser humano tenha sentido em sua existência. Ela vem para acalmar ou perturbar, tirando a tranqüilidade, causando desassossego e provocando alterações, seja para aceitar ou até rejeitar.

## **2. O Sagrado na Literatura Infantil**

Na busca de tentar compreender sua existência e principalmente sua finitude, o homem vai encontrar no Sagrado a justificação para a vida. É provável que os nossos primeiros ancestrais, ao verificarem o poder assombroso dos fenômenos da natureza, começaram a reverenciá-la. Sem compreender a morte, começaram a acreditar em uma força sobrenatural que interferiria em sua vida. Uma força que poderia ser benéfica ou demoníaca, que protegeria e também maltrataria, que confortaria e também assustaria, que guiaria e também faria se perderem. Inconformados com a luta diária para sobreviver, passaram a imaginar um mundo melhor, onde poderiam ter tudo sem o sofrimento para consegui-lo, criando desse modo uma espécie de paraíso, um lugar de delícias, de tranqüilidade e de paz, que provoca um sentimento em que os mistérios causam arrepios. Segundo Otto:

O sentimento que provoca pode espalhar-se na alma como uma onda apaziguadora, a que segue então a vaga quietude de um profundo recolhimento. Este sentimento pode assim transformar-se num estado de alma constantemente fluido, semelhante a uma ressonância que se prolonga durante muito tempo (...) Também pode surgir na alma com choques e convulsões. Pode levar a estranhas excitações, ao inebriamento, aos arrebatamentos, ao êxtase. Tem formas selvagens e demoníacas. Pode degradar-se e quase confundir-se com o arrepio e o pasmo de horror experimentado diante dos espectros. (...) Pode transformar-se no silencioso e humilde estremecimento da criatura que

fica interdita... em presença daquilo que está, num mistério inefável, acima de toda criatura.<sup>29</sup>

O Sagrado é um mundo à parte em que penetramos com reverência e temor, pois a maioria de nós foi criada por pais que nos inculcaram tanto a confiança como o medo do divino. Octávio Paz diz assim:

Bem e mal são noções que adquirem novo sentido apenas quando ingressamos na esfera do sagrado. Os criminosos se salvam, os justos se perdem. Os atos humanos resultam ambíguos. Praticamos o mal, escutamos o demônio quando acreditamos proceder com retidão, e o inverso. A moral é alheia ao sagrado. Estamos num mundo que é efetivamente outro mundo. A mesma ambigüidade distingue nossos sentimentos e sensações diante do divino. Diante dos deuses e suas imagens sentimos simultaneamente asco e apetite, terror e amor, repulsa e fascinação.<sup>30</sup>

### 3. A importância do Sagrado para a criança

Apesar de serem poucos os textos que fazem referência ao Sagrado na Literatura Infantil do período aqui estudado, nota-se que eles representam bem o que o Sagrado causa ao homem: se, por um lado, permite à alma ser acolhida e transformada, por outro, angustia e causa temor, não medo. O medo assusta, apavora e faz que a criatura se afaste do criador. O temor, em vez disso, reverencia, pois sabe que o divino se manifesta para inspirar coragem, virtude, fé, para compartilhar, possibilitando a comunhão entre ambos, transformando-os amorosamente; tem uma função transformadora, edificadora dos valores éticos e das virtudes infantis. Esses textos mostram ao pequeno leitor que a bondade e a honestidade são sempre premiadas. Que existe um Deus que olha e vela por todos, que está

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.22

<sup>30</sup> Octávio PAZ, *O arco e a lira*, p.151

atento a todas as coisas, por menores que sejam, e recompensa a humildade e a obediência, mas também faz parte da vida da comunidade, da vida de cada um. Um Deus que até permite ser esquecido, dando o tempo necessário para que o homem retorne a Ele.

Edênio Valle, no seu livro *Psicologia e experiência religiosa*, afirma:

A referência das religiões ao sagrado apresenta uma impressionante variedade de concretizações e mediações. Não existe nenhum acontecimento natural ou vital que não tenha sido ou possa ser revestido de caráter sagrado por alguma cultura. Qualquer experiência, fato, fenômeno ou objeto pode ser hierofânico, isto é, revelador do divino, para os seres humanos em busca da transcendência, seja qual for essa. Mas, ao mesmo tempo, o mistério inefável, essa última e sempre oculta dimensão da fé religiosa, jamais é atingido. Não pode ser explicado, apenas tangenciado. As religiões e hierofanias revelam e ocultam a um só tempo. Os símbolos religiosos são mediações que nunca conduzem ao conhecimento pleno do Todo que sinalizam. A maneira como as religiões olham para o sagrado e a ele se avizinham é atravessada, assim, por uma ambigüidade intrínseca. A suposta clareza dos enunciados doutrinários, desse ponto de vista, é totalmente ilusória.<sup>31</sup>

Assim, a criança tende a compreender que o elemento sagrado é uma manifestação do eterno, de um ser superior, presente nas religiões que fazem essa ligação. No dizer de Rubem Alves:

O universo religioso era encantado. Um mundo encantado abriga, no seu seio, poderes e possibilidades que escapam às nossas capacidades de explicar, manipular, prever. Trata-se, portanto, de algo que nem pode ser completamente compreendido pelo poder da razão, nem completamente racionalizado e organizado pelo poder do trabalho.<sup>32</sup>

Muitas pessoas acreditam que os elementos e símbolos que compõem o Sagrado — sejam eles revelados por meio de uma educação religiosa ou pela forma indireta da literatura — ajudam na formação da criança e que, se forem suprimidos, elas teriam mais dificuldades de compreender o mundo, o outro e a vida.

---

<sup>31</sup> Edênio VALLE, *op.cit.* p.46

<sup>32</sup> Rubem ALVES, *O que é religião*, p.17

Num mundo em constante transformação, no alvorecer de um século marcado pelo consumismo e pela comunicação virtual, o Sagrado pode ser o elemento de transformação das relações humanas, possibilitando às novas gerações o encontro consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

Convém ressaltar que não se pode afirmar se foi intencional ou não o fato de os autores aqui apresentados — Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes e Mário Quintana — fazerem referências ao Sagrado, pois a poesia rompe com qualquer controle que se queira ter sobre ela. Tal ruptura é sua função primeira. À época que os poemas e os textos foram escritos, entre 1950 e 1985, a religiosidade estava muito presente no cotidiano das pessoas, não que nos dias de hoje ela não se faça presente. Pelo contrário, há uma tentativa cada vez maior de reencontro com o transcendente, seja ele na religião institucionalizada ou nas mais diversas vertentes que aparecem como nova era, seitas etc.

Na época não havia uma grande cobertura midiática nem se passava por um processo de mudança de valores acentuado, o que vai ocorrer principalmente a partir dos anos 80, quando as transformações na vida política nacional, com o abrandamento da censura, a volta das eleições diretas para governador e uma imprensa que respira liberdade, culminaram, em 1985, com o fim do regime militar, instaurado com o golpe de 1964. Tal situação política estendeu-se aos outros setores da sociedade, quando as pessoas começaram a questionar e a pôr em xeque normas, conceitos e valores arraigados na vida cotidiana, também na religião, que começa a fazer parte apenas da vida particular, deixando a esfera pública. Não causa mais espanto alguém dizer que é ateu ou que, se o Estado é laico, a educação pública também o é. Tal discussão sobre a laicidade da educação foi impulsionada a partir de 1986, quando das discussões para a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei nº 9.394, de 20.12.1996, em seu artigo 33, afirmava:

o ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina

dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis (...) <sup>33</sup>  
(Grifo nosso.)

Pressionado pelas várias denominações religiosas, principalmente pela Igreja Católica, as quais exigiam que o ensino religioso fosse custeado pelo Estado, o governo cedeu e editou a Lei nº 9.495, de 22 de julho de 1997, dando nova redação ao artigo 33:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. <sup>34</sup>

Dessa forma muitos acreditavam que estava aí o ponto principal de ligação entre a criança e o transcendente, que a escola poderia ser o elemento de mediação, de apropriação do Sagrado. É claro que não foi isso que aconteceu, pois o Sagrado não é patrimônio de uma instituição, de uma pessoa ou de determinado grupo, nem pode ser utilizado como forma de domesticação ou moralização na formação das crianças. Utilizá-lo desse modo é diminuí-lo e diminuir a sacralidade existente em cada ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, um Deus de amor, de alegria, de encontro, que promove a transformação de cada um que se permite descobrir e se sentir parte integral de algo maior na história.

Por isso o Sagrado é muito maior que uma lei. Ele é a representação dos desejos humanos de compreender sua existência terrena, é uma hierofonia, uma manifestação e quando apresentado à criança na Literatura Infantil ele se transforma numa ponte, numa ligação amorosa com Deus, numa experiência única e indivisível.

---

<sup>33</sup> Iria BRZEZINSKI, *LDB interpretada*, p.254

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.266

## **Capítulo III – A poesia infantil brasileira olhando o Sagrado**

A partir de nossa compreensão do Sagrado como uma manifestação que não deixa indiferente a vida humana, mas uma experiência que todas as pessoas passam num determinado momento ou outro, vamos observar como quatro dos nossos maiores poetas: Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira e Mário Quintana, olharam, sentiram e deixaram marcas dos Sagrado em suas poesias infantis.

### **1. O olhar para o horizonte: o Sagrado encontra o profano em Cecília Meireles**

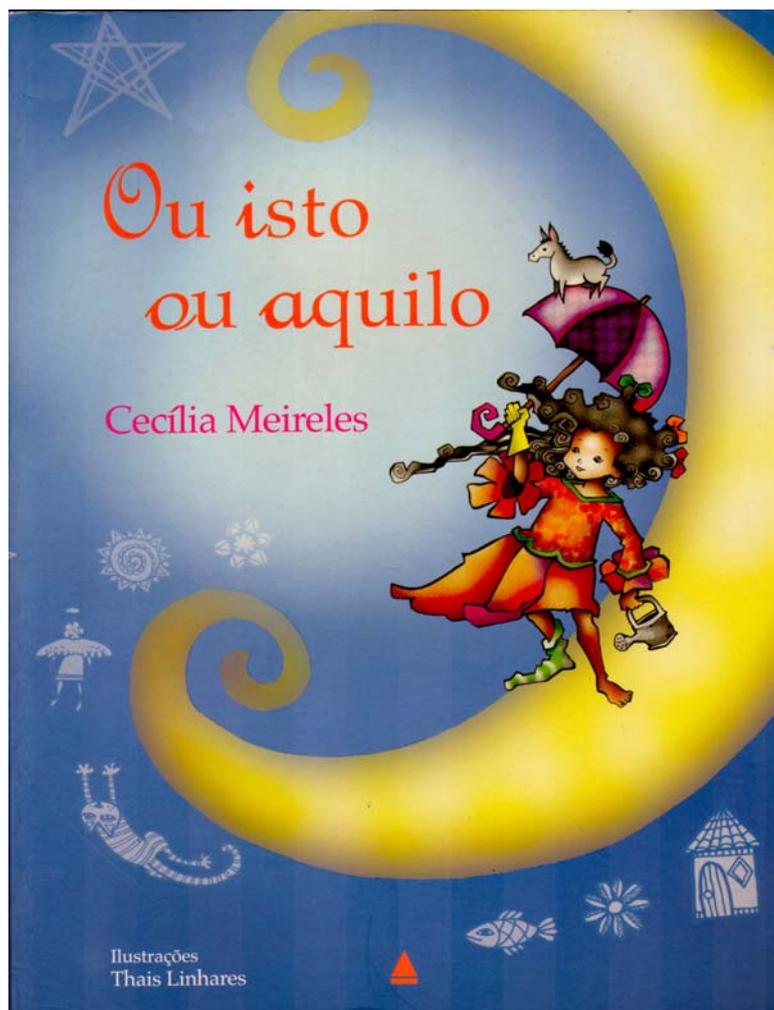
A poetisa Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro 1901, três meses após a morte de seu pai. Antes de completar 3 anos de idade, perdeu sua mãe, passando a morar com sua avó materna, única sobrevivente da família. Sobre esses fatos, Cecília diz:

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para os outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. Em toda a minha vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é fundamento mesmo de minha personalidade.<sup>35</sup>

Exerceu o magistério desde que se formou pela Escola Normal do Rio de Janeiro, em 1917. Aos 18 anos, lançou seu primeiro livro de poemas, *Espectros*, pelo qual recebeu elogios da crítica especializada. Em 1922 casou-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias e com ele teve três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. Enviuvou em 1935, mas cinco anos depois contraiu segundas núpcias com o professor Heitor Grillo. Em 1934 criou a primeira biblioteca infantil do País. Em 1935 foi nomeada professora de Literatura Luso-Brasileira e, depois, de Técnica e Crítica Literária na Universidade do então Distrito Federal. É autora de mais de 40 obras, entre as quais *Ou isto ou aquilo*, livro de poesias infantis lançado em 1964 e com dezenas de reedições até hoje, no qual brinca com palavras, encontra rimas lúdicas e delicia as crianças. Faleceu em 9 de novembro de 1964.

---

<sup>35</sup> Cecília MEIRELES, *Obra poética*, p.58.



6ª. Edição de 2002 com novas ilustrações e projeto gráfico - Editora Nova Fronteira

Entre as poesias, duas em particular nos mostram os rastros do Sagrado. Na primeira, *Cantiga da babá*, o desejo de uma babá de que menino seja anjo, no conceito religioso tradicional: asas longas, doçura, proteção, bondade e principalmente tranqüilidade. Mas esse anjo que está escondido no menino ainda mostra seu lado humorista, fazendo troças da babá, numa demonstração clara de encontro entre profano e sagrado:

Eu queria pentear o menino  
 Como os anjinhos de caracóis.  
 Mas ele quer cortar o cabelo,  
 Porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino  
 Com umas botinhas de cetim.  
 Mas ele diz que agora é sapinho  
 E mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino  
 Umas asinhas de arame de algodão.  
 Mas ele diz que não pode ser anjo,  
 Pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está brincando,  
 Dizendo-me coisas assim.  
 Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,  
 Um anjo que troça de mim.)<sup>36</sup>

Na segunda poesia, Cecília também mostra o sagrado, desta vez um santo, para poeticamente lembrar um monte onde havia uma fonte e de lá se poderia ver o horizonte, mas que foi tudo escondido por um muro, o que faz o santo chorar. Sim, um muro que separa: escuro, frio, sem a beleza e a esperança do horizonte ou a delicadeza de uma fonte que faz a água brotar do chão duro do monte e, por isso, traz vida e faz o santo sorrir. O monte, assim como as nascentes e as árvores, são espaços para a manifestação do Sagrado, são destacados do espaço comum por estarem imbuídos de poder, de luminosidade para a revelação do divino. Moisés conversa com Deus, que se revela a todo o povo no Monte Sinai (Ex 19,10-12): *“Javé disse a Moisés: Volte para o povo e purifique-o hoje e amanhã (...) porque Javé descera depois de amanhã sobre a montanha do Sinai à vista de todo o povo.”*

O choro do santo é uma lágrima de passagem, pois não há mais luminosidade, já que o muro impede a visão, impedindo também a água de brotar, a água que em sua nascente é sempre limpa, pura, e que mata a sede. Sede do eterno, sede que a alma tem do seu criador. Não é mais possível a meditação, o olhar para o horizonte e, portanto, o encontro com o transcendente.

O Santo no monte

No monte,  
 O Santo  
 Em seu manto,  
 Sorria tanto!

---

<sup>36</sup> *Ibidem, Ou isto ou aquilo, p.72*

Sorria para a fonte  
 Que havia no alto do monte  
 E também porque defronte  
 Se via o sol no horizonte.

No monte  
 O Santo  
 Em seu manto  
 Chora tanto.

Chora — pois não há mais fonte,  
 e agora há um muro defronte  
 que já não deixa do monte  
 ver o sol nem o horizonte.

No monte  
 o Santo  
 em seu manto  
 chora tanto!

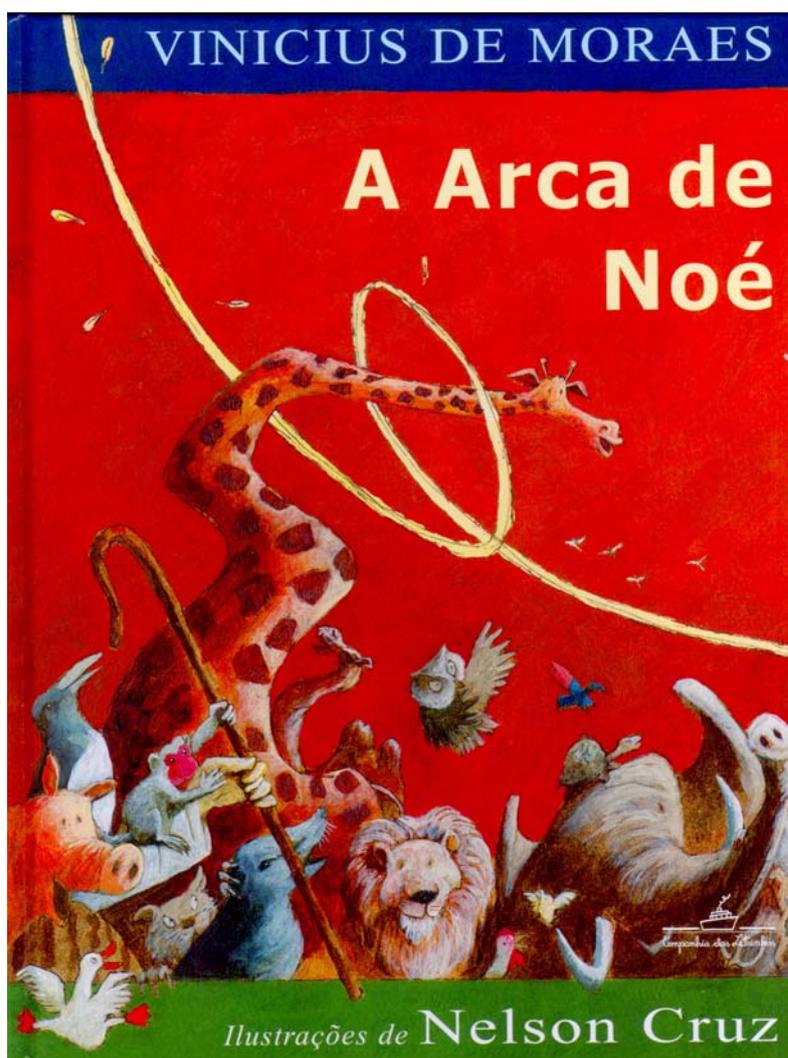
(Duro  
 muro  
 escuro!<sup>37</sup>)

## 2. Uma arca de bênçãos: Vinícius de Moraes

Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes nasceu em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro. Aos 9 anos de idade foi com a irmã Lígia ao cartório e mudou o nome para Vinicius de Moraes. Formou-se em Direito em 1933, quando também publicou seu primeiro livro, *O caminho para a distância*. Teve três esposas: Beatriz Azevedo de Mello, Lila Maria Esquerdo e Maria Lúcia Proença, que lhe deram quatro filhos: Suzana, Pedro, Georgina e Luciana. Em 1943 iniciou carreira diplomática. Escreveu mais de 25 livros e compôs várias músicas. Faleceu no Rio de Janeiro em 9 de julho de 1980.

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.94



Edição colorida do livro *Arca de Noé*, publicada em 2004, pela Companhia das Letrinhas.

No livro *A arca de Noé*, publicado em 1974, apropriou-se com mestria da história bíblica da arca de Noé (Gn 6,9-22) para recontar, em forma de poesia, a história de Noé, homem bom e justo, que foi poupado por Jeová — aqui o nome tem ligação com a tradição do Deus judaico e seu comportamento para com as criaturas por ele criadas: ora um pai amoroso, ora vingativo — do dilúvio que destruiu a humanidade:

(...) Noé, o inventor da uva  
 E que, por justo e temente  
 Jeová, clementemente  
 Salvou da praga da chuva<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Vinicius de MORAES, *A arca de Noé*, p.7

Para isso, Noé precisou construir uma arca para abrigar a família e recolher cada espécie de animal, macho e fêmea, para, após o dilúvio, se reproduzirem e perpetuarem a criação. Na visão do poeta, os animais não entraram tranqüilamente, guiados pela *“alegria e as barbas brancas do prudente patriarca”*<sup>39</sup> (op. cit.), mas vacilantes, lentos e nem um pouco animados a ficar dentro de uma arca:

Ora vai, na porta aberta  
De repente, vacilante  
Surge lenta, longa e incerta  
Uma tromba de elefante.

E logo após, no buraco  
De uma janela, aparece  
Um cara de macaco  
Que espia e desaparece.

(...)  
Grita uma arara, e se escuta  
De dentro um miado e um zurro  
Late um cachorro em disputa  
Com um gato escouceia um burro.<sup>40</sup>

A dificuldade de convivência na arca é maior ainda na hora da saída, ao deixarem o lugar que os abrigou durante o período em que o bom Jeová castigava a humanidade por sua corrupção e maldade. Essa punição da divindade é, no pensamento de Rudolf Otto:

(...) elemento estranho, de tipo repulsivo, que inspira terror, desconcerta quem na divindade apenas quer admitir bondade, doçura, amor, familiaridade (...) Esta ira, que muitas vezes se chama natural e que, na realidade, não é nada natural, já que é numinosa, se racionaliza, saturando-se de elementos éticos, de ordem racional, os da justiça divina, justiça distributiva que pune as transgressões morais.<sup>41</sup>

Aqui fica evidente que o Sagrado também pune, reforçando o estereótipo tão comum de Deus incutido nas crianças, que desde a mais tenra idade ouvem os pais e avós afirmando que, ainda que eles não possam

---

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 7

<sup>40</sup> *Ibidem*, p.7

<sup>41</sup> Rudolf OTTO, *O sagrado*, p.29

ver o que a criança está fazendo, Deus com certeza vê tudo, porque ele é onisciente e onipresente.

Quando do retorno à terra firme, assim que as águas baixaram, Vinícius vê de modo diferente do Gênesis a saída da bicharada:

A arca desconjuntada  
Parece que vai ruir  
Aos pulos a bicharada  
Toda querendo sair.

Vai! Não vai! Quem vai primeiro?  
As aves, por mais espertas  
Saem voando ligeiro  
Pelas janelas abertas.

Enquanto, em grande atropelo  
Junto à porta de saída  
Lutam os bichos em pêlo  
Pela terra prometida<sup>42</sup>.

E o poeta sugere que de nada adiantou para o leão a ira divina contra a humanidade, pois, logo que saiu da arca, assumiu ares de todo-poderoso entre os animais, esquecendo que até entre os bichos a criação divina foi um ato amoroso, e disse escandalosamente:

“Os bosques são meus!”  
Ruge soberbo o leão  
“Também sou filho de Deus!”  
Um protesta; e o tigre — “Não!”<sup>43</sup>

Conduzidos por Noé, os bichos saem para repovoar a terra, e Jeová, arrependido por ter destruído a humanidade, faz uma aliança com Noé, deixando um sinal sagrado nos céus que se repetirá por todos os tempos até a eternidade. Logo após a chuva, o céu se cobrirá desse símbolo do zelo de Jeová pela humanidade, a qual ele feriu, e ao mesmo tempo símbolo de amor, de uma aliança que será eterna:

---

<sup>42</sup> Vinícius de MORAES, *A arca de Noé*, p.8

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.8

Na serra o arco-íris se esvai...  
 E... desde que houve essa história  
 Quando o véu da noite cai  
 Na terra e os astros em glória

Enchem o céu de seus caprichos  
 É doce ouvir na calada  
 A fala mansa dos bichos  
 Na terra repovoada.<sup>44</sup>

No mesmo livro, aparece a figura de São Francisco, o santo bom e amigo do fogo, do vento, dos animais. A humildade do santo é destacada para mostrar ao leitor a opção de Francisco pela pobreza como algo agradável a Deus, que lhe permite carregar no colo Jesus Cristo. Ora, não é qualquer um que pode ter Cristo nos braços; apenas os bons e puros de coração e que não fazem mal a ninguém, nem aos animais, que aceitam a pobreza e ainda assim se comprazem na alegria. *“Quando um homem se torna pobre e humilde, Deus torna-se tudo em todas as coisas”*<sup>45</sup>

Lá vai São Francisco  
 Pelo caminho  
 De pé descalço  
 Tão pobrezinho  
 Dormindo a noite  
 Junto ao moinho  
 Bebendo a água  
 Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco  
 De pé no chão  
 Levando nada  
 No seu surrão  
 Dizendo ao vento  
 Bom dia, amigo  
 Dizendo ao fogo  
 Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco  
 Pelo caminho  
 Levando ao colo  
 Jesuscristinho  
 Fazendo a festa  
 No menininho

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.9

<sup>45</sup> Rudolf OTTO, *O sagrado*, p.31

Contando histórias  
Pros passarinhos<sup>46</sup>.

E Vinícius continua brincando com os versos e rimas, contando que o nascimento de Cristo é anunciado pelo galo assim que o sol nasce. Os animais ficam animados, exceto o papagaio, que afirma ser mentira. Todos confirmam a notícia e, espantados com a atitude do papagaio, decidem puni-lo — a mentira deve sempre ser punida —, por não acreditar que Cristo nasceu em Belém, desfazendo-se assim da figura sagrada de Deus:

De repente o sol raiou  
E o galo cocoricou:  
— Cristo nasceu!  
O boi, no campo perdido  
Soltou um longo mugido:  
— Aonde? Aonde?  
Com seu balido tremido  
Ligeiro diz o cordeiro:  
— Em Belém! Em Belém!  
Eis senão quando, num zurro  
Se ouve a risada do burro:  
— Foi sim que eu estava lá!  
E o papagaio que é gira  
Pôs-se a falar: — É mentira!  
Os bichos de pena, em bando  
Reclamaram protestando.  
O pombal todo arrulhava:  
— Cruz credo! Cruz credo!  
Brava  
A arara a gritar começa:  
— Mentira? Arara. Ora essa!  
— Cristo nasceu! — canta o galo.  
— Aonde? — pergunta o boi.  
— Num estábulo! — o cavalo  
Contente rincha onde foi.  
Bale o cordeiro também:  
— Em Belém! Me! Em Belém!  
E os bichos todos pegaram  
O papagaio caturra  
E de raiva lhe aplicaram  
Uma grandíssima surra<sup>47</sup>.

No poema *A porta*, o poeta mostra que ela fecha a frente de tudo no mundo para proteger as pessoas, seja em casa, seja até mesmo no quartel.

<sup>46</sup> Vinicius de MORAES, *A arca de Noé*, p.10

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.14

Essa proteção só não existe no céu, onde ela fica permanentemente aberta. É claro que o céu não pode ter as portas fechadas, pois a lembrança que se tem do Sagrado é que ele, presente na vida terrena das pessoas, tem claro objetivo: levá-las ao céu. Se as portas do céu estiverem fechadas, como ele receberia as pessoas?

(...)  
 Eu fecho a frente da casa  
 Fecho a frente do quartel  
 Fecho tudo nesse mundo  
 Só vivo aberta no céu! <sup>48</sup>

Símbolos e personagens religiosos — vela, sino, sacristão, padre — estão presentes no poema *A morte do pintainho*, no qual cada animal, lamentando a morte da pequena ave, oferece o que pode mais se assemelhar a um funeral religioso, deixando claro que os animais também são filhos queridos e amados de Deus. Aqui os sujeitos, compungidos em sua dor, oferecem a si próprios como instrumentos para realizar o ritual religioso. O rito da procissão para o sepultamento, as orações e os seus símbolos são a marca maior do rastro do Sagrado que se encontra no inconsciente de todos nós.

(...)  
 Quem vai ser o padre?  
 Eu, o louva-a-deus  
 Em nome de Deus  
 Eu serei o padre.

Quem será o sacrista?  
 Eu, disse o frango  
 Com a minha crista  
 Eu serei o sacrista.

(...)  
 Quem leva a vela?  
 Eu, o vaga-lume  
 Eu acendo o lume  
 E eu levo a vela.

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.22

(...)  
 Quem toca o sino?  
 Disse o suíno:  
 Eu mais o boi  
 Nós tocamos o sino.

(...)  
 Todo o pássaro do ar  
 Foi chorar lá no seu ninho  
 Ao ouvir tocar o sino  
 Pelo pobre pintainho<sup>49</sup>.

Por isso, os animais também fazem o enterro do pintainho. Isso os acalma, pois o rito é um conjunto das práticas mágicas, realizadas durante as cerimônias, cujo objetivo é assegurar certo controle sobre as forças sobrenaturais e/ou orientar uma força oculta no sentido de uma ação determinada, que pode ser para acalmar e solidarizar o grupo envolvido.

Já no poema *A morte de meu carneirinho*, o lamento é a não-realização de rituais no sentido convencional. O que ocorreu foi um cortejo especial celebrado ao som de rimas do vento:

Não teve flores  
 Não teve velas  
 Não teve missa  
 Caixão também...  
 Foi enterrado  
 Junto à maré  
 Por operários  
 Mesmos do trem

A flor de orvalho  
 Pende da nuvem  
 E pelo chão  
 Despetalou...  
 O céu ergueu  
 A hóstia do sol  
 E o mar em ondas  
 Se ajoelhou...

Cortejo lindo maior não houve  
 Do que a morte  
 Desse amiguinho:  
 lam vestidas  
 Com a lã as nuvens

---

<sup>49</sup> Vinicius de MORAES, *A arca de Noé*, p.56-58

Todas as almas  
Dos carneirinhos!  
Os gaturanos  
Trinaram hinos  
No altar esplêndido  
Da madrugada;  
E o vento brando  
Desfeito em rimas  
Foi badalando  
Pelas estradas! <sup>50</sup>

## 1. Berimbau no céu: Manuel Bandeira

Manuel Bandeira nasceu no Recife em 19 de abril de 1886. É o principal representante do Modernismo brasileiro. Vítima de tuberculose, passou muito tempo viajando para encontrar a cura. Em 1917 lançou o primeiro livro, *A cinza das horas*. Em suas poesias, usa a fala coloquial para tratar dos temas do dia-a-dia. Foi funcionário público e professor universitário. Eleito em 29 de agosto de 1940 para a cadeira 24 da Academia Brasileira de Letras, faleceu no Rio de Janeiro em 13 de outubro de 1968. Poeta dos versos livres, soltos, brincalhão, presenteou as crianças com várias poesias infantis publicadas pela José Olympio Editora no livro *Estrela da vida inteira*, de 1966.

---

<sup>50</sup> *Ibidem*, p.74-75



Edição do livro *Berimbau e outros poemas*, editado pela Nova Fronteira em 1994. A capa é similar a publicada em 1986 pela Livraria José Olympio Editora.

Em 1986, o poeta Elias José fez uma seleção dos poemas infantis de Bandeira e foi lançado o livro *Berimbau e outros poemas*. Nele encontramos sete poesias em que o Sagrado está presente. Uma delas, a propósito, não é ligada ao cristianismo, mas aos cultos afros: *Janaína*. Trata-se da entidade feminina mais respeitada do candomblé. Deusa dos mares e oceanos, recebe muitas oferendas no seu dia, 2 de fevereiro, as quais são lançadas ao mar. Mãe de todos os orixás, é representada com seios volumosos, que simbolizam a maternidade e a fecundidade. É mais conhecida como Iemanjá.

D. Janaína  
 Sereia do mar  
 D. Janaína  
 De maiô encarnado  
 D. Janaína vai se banhar.  
 D. Janaína  
 Princesa do mar

D. Janaína  
 Tem muitos amores  
 É o rei do Congo  
 É o rei de Aloanda  
 É o sultão-dos-matos  
 É S. Salavá!  
 Saravá saravá  
 D. Janaína  
 Rainha do mar  
 D. Janaína  
 Princesa do mar  
 Dai-me licença  
 Pra eu também brincar  
 No vosso reinado.<sup>51</sup>

Na poesia *O menino doente*, o que aparece é a imagem de Maria, a mãe de Deus, a qual vem socorrer a mãe terrena que vela por seu filhinho doente. O simbolismo maior aqui diz respeito à maternidade, que tem algo de divino e é tão importante, que até o próprio Deus quis ter mãe. Por isso a importância de o autor mostrar às crianças que a mãe do céu está sempre junto à mãe da terra e que as crianças têm, na verdade, duas mães, ambas zelosas e atentas nos cuidados com as crianças. A primeira é a mãe terrena, cuja presença física se faz notar a todo instante, a outra é a mãe do céu, que olha e vela pelos pequenos (e também pelos adultos) nos locais aonde a mãe terrena não consegue chegar. O mais importante é que, se as crianças têm uma mãe no céu, então também são irmãos e irmãs de Jesus Cristo, o filho de Maria. Há, assim, uma noção perfeita de família. E, caso falte a mãe terrena, a criança poderá recorrer sempre à mãe do céu, que continua atenta e vigilante e, sobretudo, tem o poder de afastar a dor.

O menino dorme  
 Para que o menino  
 Durma sossegado,  
 Sentada a seu lado  
 A mãezinha canta:  
 — “Dodói, vai-te embora!  
 Deixa o meu filhinho.  
 Dorme... dorme... meu...”  
 Morta de fadiga,  
 Ela adormeceu.  
 Então, no ombro dela,

---

<sup>51</sup> Manuel BANDEIRA, *Berimbau e outros poemas*, p..29

Um vulto de santa,  
 Na mesma cantiga,  
 Na mesma voz dela,  
 Se debruça e canta:  
 — “Dorme, meu amor”.  
 “Dorme, meu benzinho...”  
 E o menino dorme<sup>52</sup>.

Em *Irene no céu*, vê-se todo o humor do poeta ao referir-se ao sagrado São Pedro. De guardião das chaves do céu (Mt 16,15-20), o apóstolo ficou no imaginário popular como aquele que abre e fecha as portas celestiais. Bandeira vai brincar respeitosamente com essa situação, deixando claro ao pequeno leitor que só vai para o céu quem for bom, que o céu é um lugar de pessoas bem-humoradas, como Irene:

Irene preta  
 Irene boa  
 Irene sempre de bom humor.  
 Imagino Irene entrando no céu:  
 — Licença, meu branco!  
 E São Pedro bonachão:  
 — Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.<sup>53</sup>

A poesia sensível e livre de metrificacão de Bandeira também guarda o encantamento de Mozart no céu, local onde não se ouviam músicas tão melodiosas antes da chegada do músico, que transformou o céu num espaço musical festivo. Aqui, “(...) *o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente das realidades naturais*”.<sup>54</sup>

Tal foi a alegria que Mozart levou para o céu, que mereceu um beijo da própria Virgem, ocasionando grande mudançã:

No dia 5 de dezembro de 1791 Wolfgang Amadeus  
 [Mozart entrou no céu, como um artista de  
 [circo, fazendo piruetas extraordinárias  
 [sobre um mirabolante cavalo branco.  
 Os anjinhos atônitos diziam: Que foi? Que não foi?

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.7

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.23

<sup>54</sup> Mircéa ELIADE, *O sagrado e o profano*, p.24

Melodias jamais ouvidas voavam nas linhas  
 Suplementares superiores da pauta.  
 Um momento se suspendeu a contemplação inefável.  
 A Virgem beijou-o na testa  
 E desde então Wolfgang Amadeus Mozart foi o mais  
 [moço dos anjos<sup>55</sup>.

Compondo a *Oração para os aviadores*, Bandeira vai invocar Santa Clara, pedindo-lhe que clareie o céu — num trocadilho com o nome da santa: Clara/clareai —, de forma que eles possam fazer boas viagens. Para ter certeza de que será atendido em sua súplica, o autor evoca outro personagem sagrado, São Francisco, lembrando o amor espiritual que uniu os dois grandes santos da Igreja Católica:

(...)  
 Por amor de São Francisco,  
 Vosso mestre, nosso pai,  
 Santa Clara, todo risco  
 Dissipai.  
 Santa Clara, clareai<sup>56</sup>.

*Canto de Natal* é o canto do poeta sobre o nascimento do menino Deus, sobre a humildade do local onde Maria deu à luz e sobre as dores que Ele passará para redimir a humanidade. O lamento do poeta é saber que o menino, Deus que se fez homem para conhecer os sentimentos humanos, viver a experiência humana, irá sacrificar-se como vítima para redenção da humanidade por ele vivenciada e amada. É um canto triste, diferente das outras poesias tão festivas do Natal:

(...)  
 Vem para sofrer  
 A morte na cruz,  
 O nosso menino.  
 Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita  
 O humano destino:  
 Louvemos a glória  
 De Jesus menino.

---

<sup>55</sup> Manuel BANDEIRA, *Berimbau e outros poemas*, p.35

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.55

#### 4. Pé de pilão santificado: Mário Quintana

O poeta gaúcho Mário Quintana nasceu no dia 30 de julho de 1906 na cidade de Alegrete. Alfabetizado pelos pais, desde cedo teve contato com o mundo dos livros e jornais. Frequentou o Colégio Militar, em Porto Alegre, saindo antes de concluir os estudos por problemas de saúde. Participou da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder. Em 1940 publicou seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*. Trabalhou como jornalista em diversos jornais do Rio Grande do Sul e na Livraria Globo, sob direção de Érico Veríssimo. De uma sensibilidade que toca a alma do leitor, é autor do poema *Se eu fosse um padre*, em que o Sagrado é a poesia do encontro com o divino.

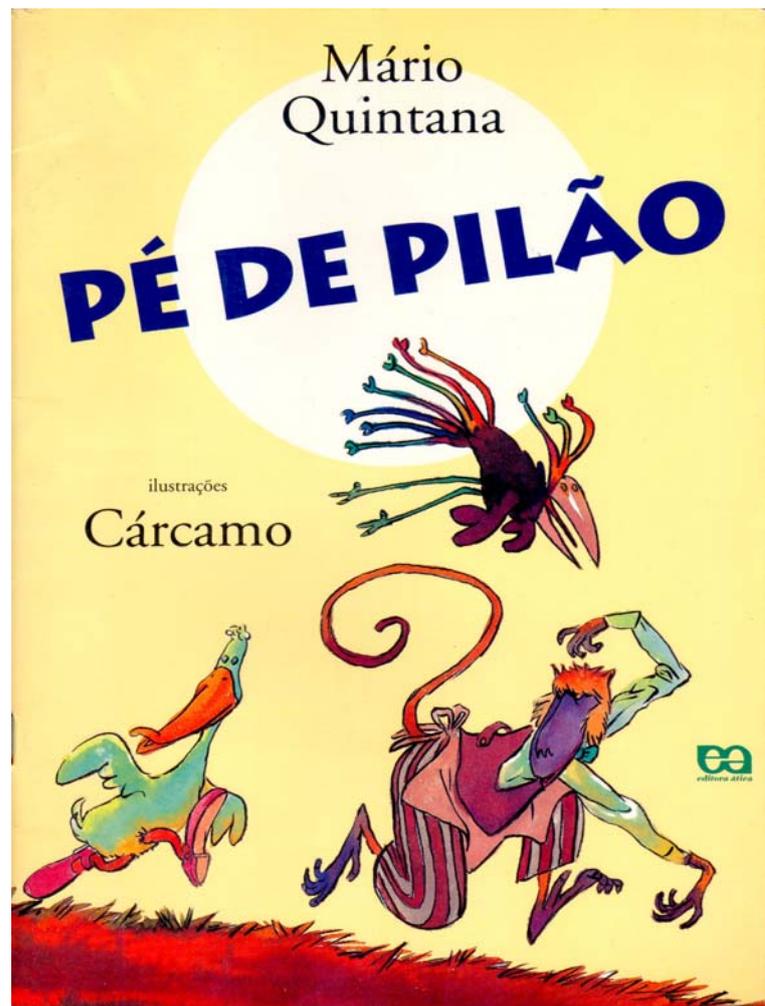
Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,  
 não falaria em Deus nem no Pecado  
 — muito menos no Anjo Rebelado  
 e os encantos das suas seduções,

não citaria santos e profetas:  
 nada das suas celestiais promessas  
 ou das suas terríveis maldições...  
 Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,

Rezaria seus versos, os mais belos,  
 desses que desde a infância me embalaram  
 e quem me dera que alguns fossem meus!  
 Porque a poesia purifica a alma  
 ...e um belo poema — ainda que de Deus se aparte —  
 um belo poema sempre leva a Deus!<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Mário QUINTANA, *Nova antologia poética*, p. 105



Capa da edição de 1996 publicada pela Editora Ática.

Faleceu em Porto Alegre, em 5 de maio de 1994. Muitos dos seus mais de 20 títulos publicados dirigem-se ao público infanto-juvenil, entre os quais *Pé de pilão*, cujos versos contam a história de um menino e sua avó, uma fada que, por artes de uma fada má, ficou enfeitiçada. O menino, Matias, foi enfeitiçado pela fada má por ser muito guloso e tornou-se um pato:

(...)  
 O pato naqueles dias,  
 Era um menino, o Matias.  
 “Olha, menino, o que eu trouxe!”  
 E lhe mostra um lindo doce.  
 Ele, guloso e contente,  
 Finca o dente no presente.  
 Vai falar. Mas que é que há ?

Só pode dizer quá... quá...  
 Pois, o menino tão belo  
 Virou patinho amarelo<sup>58</sup>.

Feitiço é algo assustador para as pessoas. Todos temem ser enfeitiçados por alguém. O feitiço retira a pessoa do seu estado natural, da sua vida cotidiana, dos seus sonhos, manipulando-a. Anula o divino que habita em cada um. O enfeitiçado é rejeitado por todos, pois, se o feitiço se realizou, as forças superiores que regem o universo o permitiram e, se o fizeram, o objetivo era a punição, demonstrando que o mal só vence quando o bem assim o decide. Segundo Rubem Alves:

Enfeitiçar é virar a gente pelo avesso: as coisas boas ficam escondidas, não têm permissão para aparecer; e as coisas ruins começam a sair. Todo mundo é uma mistura de coisas boas e ruins, às vezes a gente está sorrindo, às vezes está de cara feia. Mas o enfeitiçado fica sendo uma coisa só... (...) não pode mais fazer o que ele quer, fica esquecido de quem ele era.<sup>59</sup>

E a avó e o menino seguem separados pela floresta. O pato encontra uma menina, que o leva para casa e para a escola, ficando espantada quando ele a ajuda nas tarefas escolares, já que ela é muito preguiçosa. O pato foge e encontra o macaco e um passarinho. Acabam discutindo e são levados presos pelo cavalo, que é um polícia. No caminho para a prisão, amarrados, encontram um terrível cascavel, que, ouvindo a melodia do passarinho, faz um juramento. Como é bicho enganoso e cruel, o juramento é feito nestes termos: *“Pelos dois chifres do Diabo! Do meu rival vou dar cabo<sup>60</sup>”*. Mas o macaco percebe a artimanha da muçum e a mata. *“E a cobra, de cabo a rabo, entrega a alma ao diabo”*. O interessante é a referência que o autor faz ao Diabo para mostrar que o mal só pode provir dele e que quem é mau, como a cobra, não entrega sua alma a Deus, mas ao Diabo.

Os prisioneiros conseguem fugir cortando as amarras e, já à noite, avistam uma capela modesta de uma torre só. Sem saber se por fé, medo da

<sup>58</sup> *Ibidem*, *Pé de pilão*, p.14

<sup>59</sup> Rubem ALVES, *A pipa e a flor*, p.16

<sup>60</sup> Mário QUINTANA, *Pé de pilão*, P.27

escuridão, cansaço ou o quê, o autor conta que eles adentram na capela e se sentem em paz, indagando se o céu é daquele jeito. Aqui aparece claramente a imagem tradicional de céu que as mães transmitem às crianças: local calmo, sereno, pacífico. Lugar de tranquilidade e de oração. A própria capela é sinal do céu na terra, pois é refúgio e paz para os agitados:

E eis que à beira da floresta  
 Há uma capela modesta  
 Que aos passantes causa dó  
 Por ter uma torre só:  
 É como uma vaca mocha  
 Ou uma pessoa coxa...  
 Por fé, ou outros motivos,  
 Entram nela os fugitivos.  
 Que paz que sentem, enfim:  
 Será que o céu é assim?  
 No altar Nossa Senhora  
 Tem um ar tão bom agora,  
 (...)  
 Nos braços mostra o menino  
 Rechonchudo e pequenino.  
 O menino tem na mão  
 Um chocalho sem função.  
 Como fizeram, também,  
 O burro e o boi em Belém,  
 Os bichos que ali chegaram  
 Humildemente o adoraram<sup>61</sup>.

Eles vêem um altar com a imagem de Nossa Senhora com um menino ao colo, e o autor constata: *“Um ar tão bom e paciente, que parece mãe da gente.”*<sup>62</sup> A comparação é inevitável: a mãe da gente é a representação da mãe do céu. Os bichos resolvem passar a noite ali, sob proteção celestial. Antes, prestam reverência ao menino Deus e à sua mãe, como fizeram os animais em Belém, na manjedoura. Porém, nem aquele lugar está livre de ladrões, e um aparece desejando roubar o manto azulado e bordado com ouro e prata da Virgem santa. O passarinho percebe o vulto e começa a tremer. Treme tanto, que o ladrão pensa ser o chocalho do menino Jesus e foge. O passarinho, cheio de orgulho por ter evitado o roubo da santa, adormece.

---

<sup>61</sup> *Ibidem*, p.31

<sup>62</sup> *Ibidem*, p.31

(...)  
 Como um herói, adormece...  
 E nem nota o que acontece...  
 Uma velha... quem é ela?  
 Vem entrando na capela.  
 Toda curvada e gemendo,  
 Pra si mesmo vai dizendo:  
 “Quem me dera ter na mão  
 Minha vara de condão!  
 Fui roubada e enfeitiçada,  
 Já não posso fazer nada...  
 No estado em que estou agora  
 Só mesmo Nossa Senhora!”<sup>63</sup>

O interessante aqui é notar o encontro da fada com a santa. As fadas originaram-se *“entre os celtas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida, e visavam à realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino fatum, que significa destino”*<sup>64</sup>.

Segundo Câmara Cascudo, a fada é *“entidade feminina com poderes mágicos, possuindo comumente a miraculosa varinha de condão. A fada má confunde-se com a bruxa. A fada boa, com a madrinha benéfica e generosa”*<sup>65</sup>.

Com o advento do cristianismo, qualquer relação, além do ritual oficial da Igreja, com o sobrenatural passou a ser combatida, pois significava o mal. As mulheres acusadas de bruxaria durante a Inquisição foram perseguidas e mortas. As fadas, por sua vez, foram aos poucos sendo deixadas de lado, permanecendo apenas no imaginário popular e nos contos orais para a infância. Por isso, não causa espanto o fato de Quintana ter engendrado o encontro da fada, sem a sua varinha de condão para fazer o bem — a única coisa que as fadas fazem —, com a santa Virgem. Se, por algum motivo, uma fada pratica o mal, perde a varinha de condão e o corpo se transforma. De bela e com aparência serena, torna-se feia e enrugada, com nariz adunco, curvada, e fica sempre escondida. O mal, para a compreensão de vida do

<sup>63</sup> *Ibidem*, p.36-37

<sup>64</sup> Nelly Novaes COELHO, *O conto de fadas*, p. 173

<sup>65</sup> Luís da Câmara CASCUDO, *Dicionário do folclore brasileiro*, p.223

leitor, deve sempre ser punido e mostrado como algo feio, que ninguém deve almejar.

Até a fada precisa de ajuda, e ninguém melhor para vir em seu auxílio que a Virgem santa, a qual, por ser mulher e mãe, compreende o sofrimento da suplicante e prontamente lhe atende o pedido, numa demonstração clara para o leitor de que a fé, o elemento sagrado, pode modificar qualquer situação, até a mais difícil:

(...)  
 Sem feitiços, nem varinha  
 A Rainha das Rainhas  
 Com a graça celestial  
 Põe fim a tudo que é mal.  
 E eu não quero ser mais fada  
 E não desejo mais nada  
 Senão achar meu netinho.

Onde é que estás, pobrezinho?”  
 E de cansaço adormece  
 E nem nota o que acontece...  
 Quando acorda — que alegria!  
 Matias lhe dá bom-dia<sup>66</sup>.

O mais interessante é notar que os poetas deixaram claro que o Sagrado fazia parte da expressão literária no sentido mais terno possível, pois é provável que dessa forma ele fosse melhor assimilado pela criança. Em Cecília Meireles a experiência do Sagrado é uma comparação entre os anjos e as crianças. Vinícius de Moraes dá ludicidade ao Sagrado, enquanto Manuel Bandeira promove a manifestação de uma das entidades sagradas do Candomblé, um dos cultos afros que se expandem no país numa relação sincrética com o cristianismo tradicional. E Mário Quintana vem discutir em sua poesia o mito do enfeitado, que esta no inconsciente coletivo e causa temor e reverência.

---

<sup>66</sup> Mário QUINTANA, *Pé de pilão*, p. 44-45

## **CAPÍTULO IV - Um outro olhar sobre o Sagrado**

Nos textos em prosa de Literatura Infantil aqui estudados, há poucos rastros do Sagrado, tendo em vista o fato de que, no período contemplado por esta dissertação, a produção literária relativa a esse segmento era pequena. Por isso, foram consultadas as obras de Ruth Rocha e a única obra infantil de Jorge Amado, uma vez que elas ainda estão disponíveis nos dias de hoje em sucessivas reedições, o que atesta sua qualidade literária.

A abordagem do Sagrado, destes autores, foge ao olhar tradicional de reverência diante do mistério, de sacralidade. O que há é uma dessacralização do Sagrado, sem no entanto diminuí-lo ou torná-lo objeto de rejeição. Tem lugar aqui uma brincadeira, ou melhor, um olhar mais irreverente sobre as histórias contadas às crianças ou então sobre os agentes ligados diretamente ao Sagrado, os quais, muitas vezes, se aproveitam dele para tirar vantagens pessoais e com isso o maculam.

### **1. O deboche dos mediadores do Sagrado em Jorge Amado**

Jorge Amado, jornalista, romancista e memorialista, filho de fazendeiros, nasceu em Itabuna, na Bahia, em 1912. Aos 14 anos começou a trabalhar em jornais e a participar da vida literária em associações e grupos de jovens. Publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931. Casou-se em 1933 com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha. Nesse ano publicou seu segundo romance, *Cacau*. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro em 1935. Em 1945, foi eleito membro da Assembléia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Foi o autor da lei,

ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Nesse mesmo ano, casou-se com Zélia Gattai. Em 1947 teve de exilar-se na França por perseguição política, uma vez que o PCB fora extinto. Publicou mais de 20 livros, traduzidos em dezenas de idiomas. Em 6 de abril de 1961 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 3. Faleceu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001.



Capa da edição de 1976, publicado pela Editora Record.

O livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor* foi escrito para seu filho em 1948, mas somente publicado em 1976. O autor narra a história de uma andorinha e de um gato malhado que se apaixonaram e causaram furor na floresta. Entre as situações sérias e bem-humoradas que o autor descreve, não poderia faltar o Sagrado, visto pela sua ótica irônica:

(...)

Apesar de ainda freqüentar a escola dos pássaros — onde o Papagaio ditava a cátedra de religião... Mesmo o reverendo Papagaio, que fazia grande propaganda das próprias virtudes, considerado por todos um pouco eclesiástico devido ao tempo

passado no seminário, mesmo ele a olhava, durante as aulas, com os olhos entornados.<sup>67</sup>

Aqui o autor deixa claro que o Sagrado, neste caso resumido à função, pode tornar-se insignificante em razão de quem o pratica, pois até o papagaio, que apregoa as próprias virtudes, sendo chamado de reverendo, olha para Sinhá com outros olhos que não os da virtude. Interessante também é a menção à cátedra de religião, num sentido muito irônico que o autor lhe confere. Isso aparecerá mais à frente do texto, quando diz que “(...) veio o Reverendo Papagaio, que nessa noite se embriagou e divertiu toda a assistência com as anedotas que aprendera na cozinha do seminário”<sup>68</sup>

E, para confirmar que o Sagrado fora profanado pela vida que o papagaio levava, o autor afirma:

(...) olha até o Papagaio ocupado a rezar suas orações matinais. O Papagaio mantinha uma das mãos sobre o peito e os olhos entornados para o céu. O Gato, ao ver o seu ar suntuoso, quase clerical, não se contém e mostra-lhe a língua. O Papagaio, alarmado com o gesto inesperado e ameaçador, interrompe as suas orações e cumprimenta (...)

O Gato nem se digna de responder. (...) Não significa desrespeito à religião. É que o Gato Malhado não gosta de gente hipócrita. E o papagaio era a hipocrisia em pessoa. (...)

A Coruja — que conhecia a vida de todos os habitantes do parque — tinha contado ao Gato que o mestre Papagaio, sob toda aquela capa de religiosidade, não passava de um devasso. Fizera propostas indecorosas à pequena Pata Branca, à Galinha Carijó, a uma Rolinha à qual ensinara o catecismo, e que à própria Coruja, sem respeitar-lhe a idade, murmurara duvidoso convite. E o caso do Pombogaio? (...) Um dia a Pomba-Correio teve um filho estranho: um pombo que falava a língua dos homens. Além de tolo, o Pombo-Correio vivia em longas viagens, levando toda a correspondência do parque. Oficialmente o filho era dele, mas a Coruja dizia que ali havia coisa. Quem, além do Papagaio, conhecia e falava no parque a língua dos homens? (...) Ademais o Papagaio não saía da casa da Pomba-Correio, na ausência do marido, sob o pretexto de levar-lhe alimento espiritual (...)<sup>69</sup>.

O Gato Malhado tolerava o Papagaio pois “não estava aquele hipócrita de alguma forma ligado à Andorinha, já que lhe ensinava religião?” Mas, a vingança do Papagaio, que não era nem um pouco cristão e estava ofendido “(...) espalhou no parque cruel teoria explicativa da

<sup>67</sup> Jorge AMADO, *O gato malhado e a andorinha Sinhá uma história de amor*, p.25

<sup>68</sup> *Ibidem*, p.64

<sup>69</sup> *Ibidem*, p.34

atual gentileza do Gato: mudara de atitude por sofrer de doença incurável; estando às portas da morte, buscava o perdão dos seus pecados”.<sup>70</sup>

Ao final do texto, quando a Andorinha, por pressão da família, abandona o Gato Malhado e se casa com o Rouxinol, o autor conta que o

(...) casamento religioso foi na laranjeira, a linda capela do parque. O reverendo Padre Urubu veio de um convento distante para celebrar a cerimônia religiosa. O Papagaio serviu de sacristão e, à noite, embriagou-se. O sermão do Urubu foi comovente.<sup>71</sup>

Certos símbolos do sagrado — sacerdote, celebração, catecismo, oração — adquirem, nesse texto, tom humorístico e sarcástico, talvez em virtude da formação ideológica e política do autor, exilado em Paris na época e perseguido por ser membro do Partido Comunista Brasileiro.

### 3. A brincadeira e o medo do Sagrado em Ruth Rocha

Ruth Rocha nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. Teve uma infância alegre e repleta de livros e gibis. Graduiu-se em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo e pós-graduou-se em Orientação Educacional pela PUC/SP. Durante 15 anos (de 1956 a 1972) foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco, onde pôde conviver com os conflitos e as difíceis vivências infantis e com as mudanças do seu tempo. A liberação da mulher, as questões afetivas e de auto-estima foram sedimentando-se em sua formação.

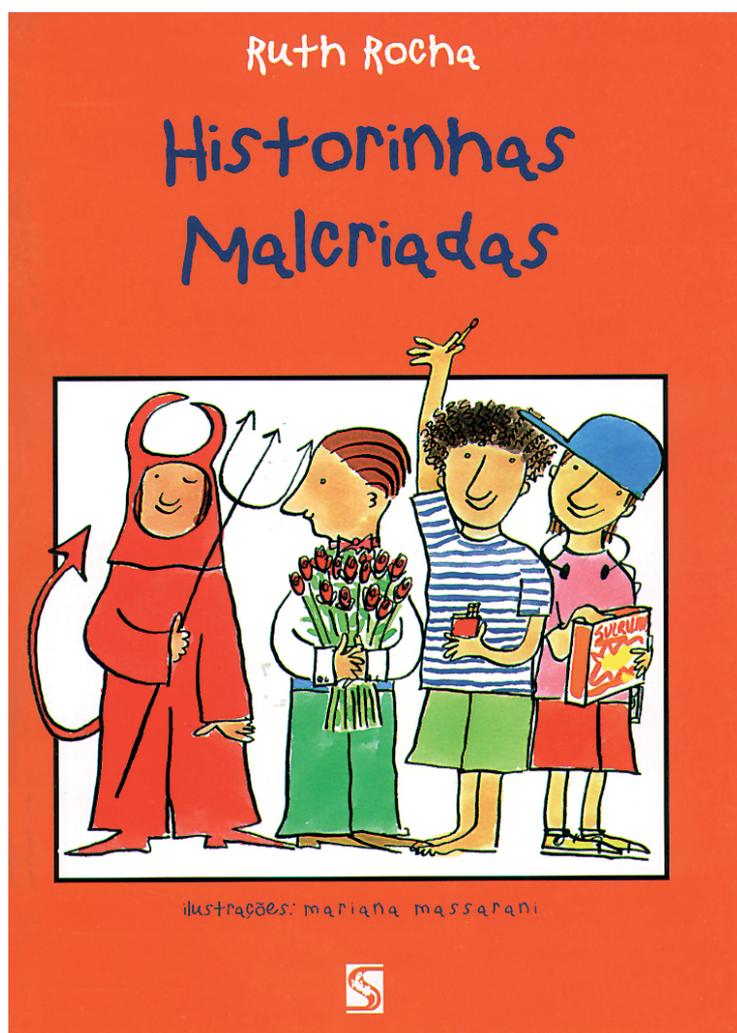
Em 1967, começou a escrever, para a revista *Cláudia*, artigos sobre educação. Participou da criação da revista *Recreio*, da Editora Abril, publicando suas primeiras histórias nesse periódico a partir de 1969. Lançou seu primeiro livro, *Palavras, muitas palavras*, em 1976, e desde então já teve mais de 130 títulos publicados, entre livros de ficção, didáticos,

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 44

<sup>71</sup> Jorge AMADO, *O gato malhado e a andorinha Sinhá um caso de amor*, p.54

paradidáticos e um dicionário. Seu livro mais conhecido é *Marcelo, marmelo, martelo*, que já vendeu mais de 1 milhão de cópias.



Edição de 1984, da editora Salamandra.

Em seu livro *Historinhas malcriadas*, conta a história “*O dia em que eu morde Jesus Cristo*”, um relato de sua primeira comunhão. Para ela, o motivo de fazer a primeira comunhão era apenas acompanhar os amigos naquilo a que já tinham se submetido. Seus pais ficaram felizes em inscrevê-la nas aulas de catecismo, “*pois até podia ser bom, que eu andava muito levada e coisa e tal...*”<sup>72</sup>. Ali aprendeu uma porção de coisas, também sobre o inferno: “*E o padre uma vez mostrou para gente um livrão, que tinha uma figura com*

<sup>72</sup> Ruth ROCHA, *Historinhas malcriadas*, p.7

*o inferno e uma porção de gente se danando lá dentro...*<sup>73</sup>. O humor fica patente no uso da expressão “se danando lá dentro”.

Foi aprendendo que, para fazer a primeira comunhão, era necessário fazer antes a primeira confissão, ou seja, contar ao padre os pecados, que ela “*nem achava que eram pecados*”<sup>74</sup>. Como o sacerdote não ouvia direito, mandou-a rezar 20 ave-marias.

No dia da primeira comunhão, a missa foi muito longa, e a autora descreve da seguinte maneira o momento em que recebeu a primeira comunhão:

... abri bem a boca e fechei os olhos que nem eu vi as outras crianças fazerem e o padre botou a hóstia na minha língua. Eu não sabia o que fazer, que morder não podia e a minha boca estava sequinha e a hóstia grudou no céu da boca e eu empurrava com a língua e não desgrudava e enquanto isso eu tinha que levantar e voltar pro meu lugar que já tinha gente atrás de mim querendo se ajoelhar<sup>75</sup>.

Angustiada com a situação, tropeça e leva um tombo. Sua preocupação maior era saber se tinha mordido a hóstia, pois aprendera que, se assim fizesse, sairia sangue, uma vez que era o corpo de Jesus que ela estava recebendo.

Sentindo os mais diferentes gostos na boca e desejando ter certeza do que aprendera, ela diz: “*...Meti o dedo na boca e tirei um pedaço de hóstia, meio amassado, meio molhado. E estava branquinho que nem tinha entrado*”<sup>76</sup>.

Essa história mostra a profanação do Sagrado no texto literário. Nela, ao contrário do que ocorre nos textos poéticos já vistos, os elementos sagrados são motivo de preocupação, primeiramente, por envolver uma

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.8

<sup>74</sup> *Ibidem*, p.8

<sup>75</sup> *Ibidem*, p..12

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 14

criança que não sabe direito o que está fazendo e, em segundo lugar, porque o que lhe foi ensinado não se realizou, transformando o ato sagrado em motivo de medo e depois de deboche.

É certo que essa não era a intenção da autora, que produziu um relato ficcional com base em situações que conheceu e vivenciou. Afinal, todas as crianças na fase da primeira eucaristia eram informadas de que, se mordessem a hóstia, dela sairia sangue, o sangue do próprio Deus. É possível imaginar a angústia de uma criança com a hóstia grudada no céu da boca. Para ela, era necessário tirá-la com cuidado e não mordê-la, do contrário escorreria sangue. Deve-se convir que o relato está mais para história de terror do que para história sagrada.

Já em *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, o que Jorge Amado faz é uma caricatura daqueles que se põem acima de tudo por optarem por uma vida diferente da dos outros, servindo nas instituições religiosas. O fato de estar numa instituição não faz de ninguém santo, e isso é muito bem representado na figura do papagaio, que se apropria dos elementos considerados sagrados pela comunidade para vantagem própria, aproveitando-se deles de todas as formas possíveis e imagináveis. Isso não desqualifica o sagrado, mas sim o agente.

Assim, podemos verificar que o Sagrado nos textos em prosa na Literatura Infantil aqui analisados, tem um olhar diferente dos poetas, pois o que se pode verificar é que a questão ficou mais ligada aos agentes do Sagrado, como em Jorge Amado, numa severa crítica pela manipulação que eles fazem do Sagrado, profanando-o. Enquanto Ruth Rocha o vê com temor, também por uma manipulação de uma agente, o catequista, que incutiu um verdadeiro terror nas crianças da primeira Eucaristia e que ficou em sua memória como adulta. Infelizmente estes dois textos não desvendaram à criança o sublime, a proteção e a alegria do Sagrado nos textos poético.

## Conclusão:

Desde os tempos antigos a literatura oral estava baseada em mitos, na cosmogonia do mundo e os deuses a impregnavam. Com o desenvolvimento do conhecimento científico, ainda assim o Sagrado continuou a ser referência na Literatura Infantil, contribuindo à formação da criança.

A mudança de paradigma só ocorre a partir da segunda metade do século XX, quando muitos autores, professores e editores começaram a rejeitar a idéia dos textos infantis terem qualquer referência ao Sagrado, pois, acreditavam que isto influiria no aspecto religioso e como tal estava fora do âmbito da literatura.

Assim, ao analisarmos a obras dos grandes autores de 1950 a 1985, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira e Jorge Amado, observamos que os sinais do Sagrado deixado nos textos poéticos serviram para enriquecer a poesia e não como instrumento de catequização. Até porque o Sagrado faz parte do ser humano, da sua caminhada terrena, de sua humanidade. Podemos sentir como Octávio Paz, quando afirma:

O sagrado transcende (...) é um fenômeno social, mas é outra coisa. O sagrado nos escapa. Ao tentarmos prendê-lo, percebemos que ele tem sua origem em algo anterior que se confunde com o nosso ser. Assim ocorre com o amor e a poesia. (...) Sabemos apenas que é aquilo que nos chama do fundo do nosso ser. (...) E talvez o verdadeiro nome do homem, a cifra de seu ser, seja o Desejo.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Octávio PAZ, *O arco e a lira*, p.164

E esse Desejo, essa chama interior que não cessa de nos chamar, de gritar, de querer sair para o consciente e transformar nossa vida, é o apelo do Sagrado, do divino, do santo. O escritor continua:

Se o homem é um ser que não apenas é, mas que está sendo, um ser que nunca acaba de ser, não é um ser de desejos tanto quanto um desejo de ser? No encontro amoroso, na imagem poética e na teofania, conjugam-se sede e satisfação: somos simultaneamente fruto e boca, numa unidade indivisível.<sup>78</sup>

Tal abordagem segue na linha do pensamento de Rudolf Otto:

(...) estas manifestações da revelação sensível do sagrado chamavam-se, na linguagem da religião, de 'sinais' (...) tudo o que era capaz de exercitar e de desencadear o sentimento do sagrado no homem, de o suscitar, provocando a sua erupção, todos os elementos e todas as circunstâncias de que falávamos: o terrível, o sublime, a absoluta superioridade do poder, aquilo que surpreende e impressiona e, muito especialmente, o incompreendido e o misterioso, que se transformam no *portentum* e no *miraculum*.<sup>79</sup>

Os sentimentos religiosos manifestados pelos sinais fazem parte do homem. É a tentativa de dar um sentido à existência, de compreender a natureza dessa ação que transforma as pessoas, mexe com o mundo, altera as relações. É o sentimento original, primeiro do homem, desde os primeiros ancestrais, que está como que impresso em seu código genético e ao qual ele volta sempre, por mais que tente dele fugir, para compreender o incompreensível, para sentir-se acolhido, protegido, amado. Saber que não está só na vastidão do universo, que há um Deus companheiro, amigo, irmão. Um Deus transcendente, que se faz carne em Jesus Cristo para partilhar as experiências humanas, conhecer suas dores, seus temores, ter medo do fracasso e também vibrar com o sucesso. Visto desse ângulo, o Sagrado é o bálsamo para a vida diária, é a esperança e a certeza de que a vida não termina com a morte, mas é uma partilha íntima entre criador e criatura que se completam e necessitam um do outro.

---

<sup>78</sup> *Ibidem*, p.165

<sup>79</sup> Rudolf OTTO, *O sagrado*, p.185-186

Esta compreensão do Sagrado, será diferente nos autores Jorge Amado e Ruth Rocha, cujos dois textos destacaram a ação dos agentes, dos mediadores do Sagrado que o manipularam de forma a conseguir objetivos escusos ou como forma de amedrontar o leitor, transformando-o, como um todo em algo desnecessário para a vida.

Diante das reflexões apresentadas observamos que a Literatura Infantil esteve impregnada durante séculos da moral religiosa e quando a deixou, não aceitou nenhum vínculo com o Sagrado, mesmo tendo autores que em suas poesias para as crianças transformaram o Sagrado em lúdico. Já outros autores usaram os agentes do Sagrado e forma crítica e questionadora se suas ações realmente ligavam ao Transcendente ou apenas manipulavam-no aos seus próprios fins.

Assim, ao término deste trabalho que apenas abriu uma porta maior para uma reflexão sobre as imagens, símbolos, marcas e manifestações do Sagrado na Literatura Infantil, lamentamos a impossibilidade de um aprofundamento maior nos textos anteriores aos anos 50 e nos textos folclóricos, riquíssimos de referências ao Sagrado, imbuídos de uma religiosidade popular e presente principalmente no homem sertanejo e motivo de comemorações festivas nas cidades.

Uma grande alegria foi podermos constatar que os bons autores de literatura infantil do passado recente não tiveram receios dos críticos literários afirmarem que eles estavam tentando passar uma religiosidade para a criança, mas, provavelmente, escreveram poesias e textos pelos simples prazer de escrever e manifestar na forma impressa, o que lhes passava pela alma naquele momento. É, pois, a maior riqueza que deixaram para as crianças e os adultos.

## Bibliografia

- ADRIANI, Maurílio. *História das religiões*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002.
- . *A pipa e a flor*. São Paulo: Loyola, 1986.
- AMADO, Jorge. *O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- BANDEIRA, Manuel. *Berimbau e outros poemas*. Seleção de Elias José. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BAZÁN, Francisco García. *Aspectos incomuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- BILAC, Olavo e NETTO, Coelho. *Contos Pátrios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- BRAVO-VILLASANTE, Carmen. *História da Literatura Infantil volumes I e II*. Lisboa: Veja, 1977.
- BRZEZINSKI, Iria(org.). *LDB interpretada*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

- \_\_\_\_\_. *O conto de fadas*. São Paulo: DCL, 2003.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1987.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, 1956.
- \_\_\_\_\_. *O conhecimento sagrado de todas as eras*. São Paulo: Mercúrio, 2004.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FRANZ, Marie-Louise von. *Mitos de criação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 1985.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.
- GAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- KUPSTAS, Márcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 50. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MACHADO, Ana Maria. *Do outro lado tem segredos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
- MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 1997.
- MORAES, Vinícius de. *A arca de Noé*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2004.
- ORTHOF, Sylvia. *O anjo de Aleijadinho*. São Paulo: Salamandra, 1996.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 2005.

- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt. *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Veja, 1979.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. São Paulo: Globo, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pé de pilão*. São Paulo: Ática, 1996.
- RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. Rio de Janeiro: Record, 1960.
- ROCHA, Ruth. *Historinhas malcriadas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.
- ROLIM, Zalina. *Livro das crianças*. Prefeitura de Gabriel Prestes, 1897.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga as renações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2004.
- VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.
- VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- ZILBERMANN, Regina. *A literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.